

**VIDA MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

UM ASPECTO DO VOTO,  
NUMA DAS MESAS ELEI-  
TORAIS DE LISBOA



**ANO V**

**PREÇO AVULSO 1\$80 / 29 DE NOVEMBRO DE 1945 N.º 237**



# JANELAS DESERTAS

POR ANÍBAL NAZARI

**A** primeira preocupação que uma senhora lisboeta tem, quando aluga uma casa, é perguntar se tem muitas janelas; a segunda é — nunca chegar à janela.

Assim se explica ser tão raro surgir no rectângulo dum janela alfacinha a alegria dum rosto de mulher. Sobre o parapeto pode dormir um gato ou espreitar o focinho dum cão de luxo, daqueles que é preciso a getne afirmar-se para ter mesmo a certeza de que é cão. Mas um rosto feminino raramente surge, que a jalência do namôro da janela, e as «matinês» do cinema ou do cabeleireiro, roubam-lhe o tempo, e até chega a ser luxo as mamãs dizerem às vizinhas que as meninas não são janelaras...

Os prédios de Lisboa têm, assim, menos beleza. Falta-lhes a vida, a alegria que lhes davam as raparigas da cidade, que olavam, investigadamente, para a rua, em busca de misteriosos «D. Juan», ou falavam, de janela para janela — e às vezes até por sinais, para a filha da porteira em frente, que é uma bisbilhoteira, não perceber a conversa...

Às vezes, não agora, que estamos em pleno inverno, das janelas abertas vêm risadas de alegria ou gritos de telefonía cara. Mas só muito raramente surge nas janelas uma dessas caras bonitas em que Lisboa é tão pródiga, a dar graça à rua e a dar-nos motivo para olhar para cima!

Vamos, meninas! Aproveitem a janela aberta para olhar a rua, que a rua é muito, é quasi tudo no turbilhão dum cidade. Ou então, se lhes custa alegrar as janelas com a graça do vosso olhar, ponham flores no parapeto, que dá o mesmo resultado!



## GREVE EM HOLLYWOOD

Durante o recente greve dos empregados da indústria cinematográfica de Hollywood, registaram-se cenas pitorescas, como esta que a foto mostra, em que a policia americana era inactivada pelos grevistas.

VAMOS TER

## NOVOS PENTEADOS, MINHAS SENHORAS!

A moda feminina impõe novos penteados que, afinal, são sempre velhos, porque já não é possível inventar novos modelos para alegria das senhoras e lucro dos cabeleiros...

A fantasia dos criadores de caprichosos penteados parece ter-se esgotado. Há de voltar atrás, viajar no tempo, procurar coisas de ontem que possam ser o último grão de hoje.

Depois, cada país tem suas modas. E quando um penteado passa as fronteiras dum país, passa a ser novo e belo, quando não consegue acabar em epidemia...

Os modelos que apresentamos têm, indistinctivamente, um sabor oriental. Mas os americanos adoptaram-nos e vão correr mundo!



# IDEIAS E MAGENS

POR ANTÓNIO RUAS

**H**á um ditado que diz: «o negociante e o porco só depois de mortos». O mesmo, mais ou menos, se pode dizer do estadista. Só depois de acalmadas as paixões, extintos os ódios e vista e medida a projecção da sua obra, cujos efeitos se sentem mais ao longe que ao perto, é que se pode fazer verdadeira justiça aos seus actos.

Isso de estadistas, há-os de muitas qualidades. Refiro-me aos históricos, que são raros. A maioria são acidentais, vêm e vão como sombras.

Mas nos estadistas históricos, que são aqueles de que trata a publicação dirigida pelo meu querido amigo Lopes de Oliveira, «As Grandes Figuras da Humanidade», encontro-os, pelo menos, de duas qualidades: o tipo heróico e o tipo raposa.

Como padrão do tipo heróico posso, por exemplo, apresentar Guilherme de Orange, Espírito combativo, leonino, generoso, homem dinâmico que faz a guerra por um princípio e que ama sobretudo a honra e a glória.

Como padrão do tipo raposa, lembro-me de Luís XI. Sábio, cara de feição, reptiliano, agacha-se quando é fraco, ama mais a paz do que a guerra porque a paz é propícia às suas manhas filinas. A sua arma não é o campo de batalha, onde se defrontam os titãs. Mas o gabinete, onde se meditam e preparam as grandes manobras do embuste. Os estadistas desta categoria não têm nenhuma simpatia humana. Não conhecem a gratidão. Os homens para eles são meras peças do xadrez político, que quando usadas se deitam fora. O que lhes interessa são as obras, não as obras dos homens mas as dédas. Para isso servem-se de tudo, do bom e do mau, com preferência acentuada para o mau.

O crocodilo, na areia, não arremete. Escolhe a sua oportunidade quando, dentro do rio, alguém mete um pé na água.

Decerto que fazendo uma análise minuciosa dos estadistas históricos, haveremos de encontrar mais tipos. Eu, agora, contento-me com estes que, apesar de tudo, são os tipos principais.

\* \* \*

Há anos, muito antes do início da guerra, li numa revista inglesa um extracto dum livro dum escritor anglo-saxão, com o título de «César de Serradura» (Saw-dust César), no qual se contava que a mãe do «Duces» lhe profetizara precocemente que ele ou havia de dar em grande homem ou em criminoso. Afinal, Mussolini conjugou ambas as coisas.

Se Lombroso vivesse, não hesitaria em o classificar na galeria dos criminosos loucos. Concebe e executa planos grandiosos. Mas arruina as finanças. Prepara um exército colossal, mas ao qual faltava tudo ou quasi tudo, pelo menos aquilo que é mais indispensável para uma guerra: o espírito militar.

O «Duces» gostava de se pôr em paralelo com Napoleão; e escreveu que o Corso nunca se importara de sacrificar milhares de vidas e que nem por isso a França desdenhara das suas glórias. Lembra-nos aquêle estudante, personagem de «Crime e Castigo», de Dostolewsky, que assassinou a verbo para provar a justeza das suas doutrinas napoleónicas.

Mas nada mais disparatado e mais louco do que Mussolini querer ombrear com Napoleão. O edifício político do Consulado e do Império subsistiu.

(Continua na página 14)



**RONALD CHESNEY**  
**“O REI DA HARMÓNICA”**

Ronald Chesney tornou-se muito famoso, interpretando em harmonica musical, a música difícil e complexa musicalmente, desde há muito tempo durante a sua vida. Durante a sua vida, Chesney conseguiu formar-se o músico de alto nível e ganhou o título de «O Rei da Harmonica» por dezasseis vezes. A sua harmonica foi feita especialmente para ele, depois de dois anos de trabalho de aperfeiçoamento.



1) Um elegantíssimo modelo de linhas austeras. 2) Uma nova adaptação destes penteados. Chama-se «O capote», e é executado por Mr. do Costa. 3) Todo puxado para cima, da direita para a esquerda, tem um estilo a um tempo moderno e primitivo. 4) Chama-se a este mimo «Crista de galinhas». Em dias de muita clientela, o cabeleireiro parece uma capoeira...

4

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**

DIRECTOR:  
 JOSÉ CANDIDO GODINHO  
 EDITOR:  
 PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
 EDITORA, LIMITADA



O Dr. Fausto Esteves e o seu violoncelo

Maria Wein, a noiva do artista, notável pianista austríaca



COMO UM ARTISTA PORTUGUÊS CONSEGUIU, EM PLENA GUERRA, TIRAR O CURSO DE VIOLONCELO EM VIENA DE AUSTRIA

UMA ENTREVISTA COM O DR. FAUSTO PEREIRA ESTEVES

**C**ONHECEMO-LO há dias. É um rapaz simpático, modesto, que parece não gostar de falar de si, e tudo isto não o impede de ser um músico de raras qualidades, que, depois de concluir brilhantemente o curso de violoncelo no nosso Conservatório, foi, como bolsista do Instituto para a Alta Cultura, de Portugal, e da Fundação Humboldt, de Berlim, estudar em Viena, no curso regido pelo grande professor Paul Grümmer.

O dr. Fausto Pereira Esteves (doutor porque também é formado em Ciências Económicas e Financeiras), partiu para Viena em fins de Março de 1942, e acabou o curso em Janeiro deste ano. Encontrou-se de novo em Lisboa e vai, como é natural, ser vítima das nossas perguntas...

—Como conseguiu tirar o curso em Viena de Austria, durante o período agitado da guerra?

—O dr. Fausto Esteves respondeu-nos, sem hesitar: —Devido à nossa boa vontade, e, sobretudo, à dedicação do professor Grümmer. Quando havia bombardeamentos de manhã, dávamos aulas de tarde!

—O professor Grümmer já tocou em Lisboa, não é verdade?

—Sim. Num concerto promovido pelo Instituto para a Alta Cultura!

—Diga-nos: era você o único português a estudar com o mestre em Viena?

—António David tirava lá o curso de violino, que completou.

Depois, o nosso entrevistado contou-nos um pouco das suas aventuras.

—Em Fevereiro, tentei regressar e não havia possibilidades nem comunicações com Berlim. Como o professor Grümmer vivia nos Alpes Austríacos, fomos para lá, eu e outros alunos, e ali continuámos a estudar, até ao fim da guerra! Terminadas as hostilidades, estava eu na zona americana da Austria e

# GEMA DE RIO

"VEGETA" DO CINEMA ESPANHOL ESTÁ EM PORTUGAL

**G**EMA de Rio, «vedeta» do teatro espanhol e «estréla» de cinema que, ao lado de Alberto Ribeiro, desempenhou o principal papel no filme luso-espanhol «Ladrón de guante blanco», está em Portugal, já actuou com êxito no Casino de Espinho e no Coliseu do Pórtu, e é natural que em breve a vejamos em Lisboa, contratada por qualquer empresa da capital.

É uma artista culta, simpática, que há dois anos, no início da sua fulgurante carreira, se estreou no Teatro Maria Vitória, como atracção duma revista. Usava ela, então, o nome artístico de «Gema de Samarias», e era a primeira vez que pisava um palco.

Depois, seguiu para Espanha e, de triunfo em triunfo, é hoje um dos grandes nomes do cinema espanhol.

A sua notável carreira transformou Gema de Rio em «estréla» do melhor brilho, jovem e radiante, que se impõe pela sua arte, pela sua beleza e pelos seus olhos encantadores e misteriosos.

Correu tódia a Espanha como primeira figura das meliores companhias, e entrou — ao em' dois anos — em sete filmes!

Santos Mendes contratou-a, há dois, quando esteve no Pórtu, para interpretar uma canção no filme «Matinée às 4».

Mas Gema de Rio, que pretende dar à sua estadia em Portugal o significado duma «romagem de gratificação», parece, também, disposta a ingressar numa das nossas companhias de revista, onde, certamente, obteremos a cabal confirmação da grande fama de que vem precedida a formosa artista.



Gema de Rio, a artista dos olhos misteriosos



*Mestre Celso Fernandes  
Pêlo Herr Fausto Esteves  
em Herr Celso Zampeiro*

O grande violoncelista Paul Gruner, numa foto que aficcou a um dos seus melhores e mais queridos alunos. — o português Fausto Esteves

os americanos, por eu ser estrangeiro, não me deram autorização para sair.

— Que alegavam?  
— Nada. Diziam apenas: — E cedof! Espere a sua vez!

Preguntámos, com curiosidade:  
— Como resolveu esse problema?

— Aventurei-me a voltar para Viena, atravessandi a zona russa. Corri ao consulado de Portugal; ninguém. Andei por postos da Cruz Vermelha Internacional e pelos comandos militares inglês, francês e americano, até que a Comisso de Repatriamento Francesa, atendendo a que era um caso único, arranjou-me possibilidades de seguir até Paris!

— E em Paris?...

— Em Paris dirigi-me ao nosso consulado e tudo foi fácil até à fronteira franco-espanhola!

Admirámo-nos.  
— Só até aí? Mas porquê?

Fausto Esteves ri, numa recordação, antes de nos explicar:

— Eu tinha tirado, em Viena, por brincadeira, um retrato fardado de oficial alemão! Abrirem-me as malas, apanharam-no e estive durante quatro horas num apertadíssimo interrogatório, até que tudo se esclareceu!

— Diga-nos: Deu algum concerto na Austria?

— Toquei na Ópera de Viena, num grande concerto em que tomaram parte artistas de vinte e seis nações! Também actuei em programas de câmara e como solista. E além disso...

— Além disso?...

— Del concertos na Turquia, na cidade de Sondershausen.

— Com êxito? É escusado perguntar, claro!

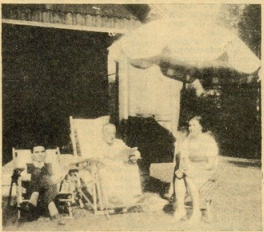
É êle com a sua doçntia modesta:

— Sim... Realmente não foi mau...

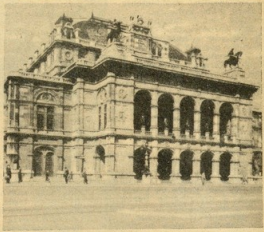
(Continua na pág. 14)



A Orquestra Filarmónica de Viena, com a qual tocou o violoncelista português.



Em Semnoring, Alpes Austriacos, em casa do professor. Junto do Mestre está o artista nosso compatriota e um aluno austriaco.



O edificio da Ópera de Viena, onde o dr. Fausto Esteves tocou, e que foi destruído por um bombardeamento aereo.



1) A «vedetas» espanhola encosta a sua toça à do jornalista português Jaime Ferreira e pede-lhe para a acompanhar numa «saída» aos leitores da «Vida Mundial Ilustrada». Obrigada, Gema! 2) Depois de assinado o contrato para o novo filme português, Gema de Rio comemora o facto com os jornalistas do Pôrto, seus amigos e admiradores e o seu primeiro «director» português.

## DANOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXIX

## superioridade dos aliados afirma-se

**O** 15 anglo-americanos tomaram a iniciativa duma série de medidas da maior importância para combater os efeitos da campanha submarina, as quais começaram a produzir os seus efeitos a partir do mês de Abril de 1943, portanto seis meses depois de ter sido pronunciado o discurso histórico do marechal Smuts. O Almirantado de Londres e o Departamento de Marinha em Washington trabalharam incansavelmente em estreita cooperação para esse efeito, e os resultados alcançados pelos técnicos dos dois países excederam rapidamente a expectativa mais optimista.

A decisão tomada durante a reunião dum encontro Churchill-Roosevelt de fornecer apenas um comunicado mensal com os números relativos aos afundamentos substituídos por uma declaração de ordem geral que não pudesse ser aproveitada pelo inimigo, revelou-se fértil em consequências benéficas. A indicação das cifras de afundamentos fora, durante os primeiros anos de guerra, um dos elementos que mais contribuíra para orientar os alemães, na sua acção contra a marinha de comércio britânica e aliada.

As médias a que nos referimos eram de vária espécie e podiam incluir-se em duas categorias principais: medidas defensivas e medidas contra-offensivas. Entre as primeiras figuravam a organização adequada do sistema de combalamento, a vigilância activamente exercida pela aviação costeira, a qual ao fim de algum tempo cobria praticamente a superfície do Atlântico percorrida pela navegação anglo-americana e as precauções de toda a ordem que passaram a ser adoptadas, desde os serviços de espionagem e informação até ao reforço das escoltas de combates. As medidas contra-offensivas resumiam-se sobretudo numa intensificação da campanha submarina de ataque ao inimigo, contra a navegação do Eixo, onde quer que ela aparezesse e que os países aliados usassem os dispositivos utilizados para violar o bloqueio rígido estabelecido pelos chefes militares dos países neutros em seguimento da execução do plano inicialmente concebido pelo Almirantado britânico.

### O ANO DE 1943 FOI CARACTERIZADO POR UM DECRESCIMENTO SUBSTANCIAL DA ACTIVIDADE DOS SUBMARINOS DO EIXO

Como dissemos, foi o mês de Abril de 1943 que assinalou uma viragem decisiva na evolução da campanha submarina, a partir da qual o decréscimo de afundamentos no Atlântico começou a ser acentuado. Mesmo quando se consideravam as cifras de afundamentos reveladas pelos comunicados oficiais de origem alemã, os quais visavam sobretudo efeitos de propaganda, esse declínio era manifesto e as explicações que apareciam para a justificar não eram, de maneira nenhuma, satisfatórias.

Segundo essas cifras, de origem alemã, o volume dos afundamentos no Atlântico foi o seguinte, a partir de Abril de 1943: Abril, 415.000 toneladas; Maio, 380.000 toneladas; Junho, 170.000 toneladas. Sobretudo a descida brusca registada em relação a três últimos meses, a qual é natural, uma impressão justificada dentro e fora da Alemanha, pois sabia-se, pelo discurso do Führer de 30 de Setembro do ano anterior, que a arma submarina constituía a derradeira esperança dos alemães numa decisão vitoriosa da luta em que o seu país se envolvia.

Essas decidas, embora a primeira, naturalmente, estava a registar-se, como vimos, no mês de Abril, e não fazia senão acentuar-se a medida que o tempo decorria. Em Abril ainda um jornal alemão, "A Correspondência Política e Militar", afirmava triunfantemente: «A concórdia entre a Produção americana e a destruição aliada está a resolver-se com uma certeza matemática a favor da Alemanha». Mas em Junho a linguagem da «Gazeta Nacional», órgão de Goering, que se publicava em Essen, era completamente diversa: «Frente a energia crescente com que os anglo-americanos se defendem no mar, há toda a vantagem em mandar receber, embora temporariamente, os nossos submarinos a fim de os não expor a uma destruição certa». A diferença de tom era característica da marcha dos acontecimentos no mar onde as medidas adoptadas pelos anglo-americanos estavam efectivamente a produzir os seus efeitos.

### A TÁTICA DE ATAQUE EM «MATEIAS» MALGROU-SE PERANTE AS PREVIDÊNCIAS ADOTADAS PELOS ANGLIO-AMERICANOS

O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha preferiu na Câmara dos Comuns, em fins de Junho, um discurso particularmente animado sobre a evolução da campanha submarina no Atlântico. Entre outras coisas, disse o sr. Churchill que só no mês de Maio haviam sido afundados trinta submarinos alemães, em virtude das providências adoptadas recentemente pelo Almirantado e pelo Departamento de Marinha de Washington. Esta média de um submarino afundado por dia era manifestamente superior à capacidade de construção dos estaleiros alemães.

Esta versão correspondia realmente aos factos, pois tornava-se evidente que o ataque em «mateias» preconizado por Doenitz acabara por ser dominado pelo poder naval dos anglo-saxões. As lutas gigantescas travadas entre as «mateias» de submarinos e as escoltas de combates compostas por unidades ligeiras e aviões de grande tipo de acção que patrulhavam incessantemente a imensidão do Atlântico, começavam a saldar-se invariavelmente pela vitória



ALMIRANTE STARK

que comandou superiormente os forças norte-americanas destacadas para o teatro de guerra europeu

destas últimas e pela destruição de um número crescente de submarinos.

Chegou um momento em que as autoridades navais alemãs se viram na necessidade de explicar este fenómeno que constituía o mais sotoe de mentido das suas promessas de que a guerra submarina arcaria rapidamente a decisão na luta em que o Reich se encontrava envolvido. A explicação era a de que as condições atmosféricas tinham sido, durante as últimas semanas, particularmente desfavoráveis para a acção dos submarinos alemães. Mas ela só não bastava para compensar o descontentamento que a evolução da batalha do Atlântico estava a provocar no espírito do povo alemão, afectando, de maneira cada vez mais sensível, o seu moral que não deixava de baixar à medida que se tornavam conhecidas as notícias a respeito da evolução dos acontecimentos não apenas no mar mas nas diversas frentes de batalha e nos países ocupados onde a onda de revolta dos povos dominados começava a exteriorizar-se já à luz do dia.

### DURANTE A ÚLTIMA GUERRA FORAM AFUNDADOS NAVIOS QUE TOTALIZAVAM 23.500.000 TONELADAS

Os números publicados depois do termo da guerra e os factos revelados sobre a importância e a gravidade da campanha submarina durante os últimos meses de 1943 e o primeiro semestre de 1944 não fizeram senão confirmar o que acima fica escrito. Os Aliados estiveram sempre altura na imminência de perder a guerra em virtude da gravidade dos afundamentos, e apesar das vitórias

incontestáveis que estavam a alcançar em todos os campos de batalha.

O último comunicado anglo-americano sobre a guerra submarina foi publicado em seguida à assinatura do armistício de 7 de Maio de 1945, e não se acentua a gravidade da situação que se registou entre Outubro de 1943 e Maio de 1944, a qual fazia contraste com a marcha vitoriosa dos exércitos aliados em todos os teatros de operações. Nesse comunicado referem-se, igualmente, os números relativos às perdas provocadas pela guerra submarina durante os seis anos de luta.

Essas perdas das marinhas dos países aliados e neutros totalizaram 23.000.000 toneladas, das quais 21.000.000 foram afundadas por submarinos, navios de superfície e aviões alemães. O número de navios afundados elevou-se a 4.770, dos quais 2.570 eram ingleses, 858 norte-americanos, 1.172 de países aliados da Grã-Bretanha e 490 de países neutros. A tonagem de navios britânicos afundados somava 11.300.000 toneladas, a maior parte das quais por submarinos (estes, à sua parte, afundaram no Atlântico 1.360 navios mercantes ingleses).

Estes números e estes factos bastam para dar idéa da gravidade de que se revestiu a campanha submarina conduzida contra a navegação aliada no Atlântico, a qual a fazendo perder uma guerra em que os beligerantes, tanto os alemães como os anglo-saxões, tinham a noção clara de que de nada serviria ganhar as mais brilhantes vitórias terrestres se esse resultado não fosse completado por uma vitória inequívoca no mar.

(Continua)

**ALMIRANTE KING**  
comandante-chefe do esquadrão dos Estados Unidos, que teve um papel preponderante na organização do luto anti-submarino

**AS SUAS VIDAS. A SUA CASA. O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA**

**COMPANHIA METERO DE SEGUROS**  
R. CARREI, SINGAPORE

# CALÇADA DA GLÓRIA

## A BOMBA ATÓMICA



Alguns fiéis leitores desta página exigem que nela se estabeleça doutrina acerca da bomba atômica e do seu emprego. Julgamos não dever esconder, por mais tempo, a nossa orientação sobre o assunto. Semos contra o emprego da bomba atômica por qualquer nação: entendemos que só nós, Calçada da Glória, a devemos usar para bem dos maus governos e dos povos mal governados.

## MODAS



A «Calçada da Glória» recebeu, há dias, êste telegrama da *Moda Parisienne*: Paris, Novembro 1944 — *Calçada da Glória*, Lisboa. — A cintura sobe. Voltou o chapéu alto. Enrolam-se perolas nos calções ponteados à grega. Usam-se capotas, bicôrnios, fichus. Restringiu a gravata forrada, subida, enterrando o queixo e com as pontas cruzadas na nuca. — Cumprimentos. — *A Moda Parisienne*.

Não há dúvida. Regressámos ao Directório. Pelo menos na Moda estamos a caminhar para o Passado. Quando menos se esperar estamos... na folha de paraf!

## EÇA DE QUEIROZ E O 5 DE OUTUBRO



Se Eça fôsse ainda vivo, em 5 de Outubro de 1910, teria admiúdo à República? «Não tinhal!» — diz-nos Gomes Monteiro. E acrescento: «Conquanto o desejo de Eça de Queiroz fôsse o nivelamento social — talvez como réplica ao facto do pai ser casado com a mãe à data do seu nascimento e mesmo só muito depois de casado» serem legalizado êste nascimento — a verdade é que êle, Eça, não podia deixar de ter uma certa mágoa pela extinção dum regime que possivelmente lhe outorgaria fôros de nobreza».

E Gomes Monteiro que o diz, é porque o sabe.

## LIVROS E ESCRITORES



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes livros que lhe foram enviados: *A Arte de Redigir*, substancioso volume em que Mário Gonçalves Viana ensina a fabricar escritores; *Orvi*, contos, de Manuel Ferreira, punhado de páginas que não faltam qualidades; *Lua senta*, sugestiva colectânea de novelas firmadas pelo nome de Teles de Carvalho, e onde latejam a alma e o sol do Alentejo; *A poesia de Teixeira de Pascoas*, valioso ensaio de Jacinto Prado Coelho; *A industrialização das pátrias agrícolas*, estudo notável por Fernando Maria Alberto Seabra.

## DITADORAS

UMA senhora das minhas relações, feminista *enragé*, perguntou-me, há dias, se eu achava bem que as mulheres entrassem no Parlamento, como deputadas. Respondi-lhe que não. De resto, muitas vezes, tenho manifestado êste critério em livros, em conferências, em artigos. A minha amiga feminista indignou-se:

— Vocês não gostam que as mulheres entrem na política porque querem a política só para vocês! Ri-me, o que mais fêz indignar a minha ilustre interlocutora.

— Pois fique sabendo — continuei eu — que os

homens estão, politicamente, liquidados. Os seus fracassos sucessivos na governação dos povos tem-os queimado de tal maneira que quem percorrer o mundo, da Europa à América, da Ásia à Oceania, só encontra cinzas de políticos queimados. E se assim é, se todos nós o reconhecemos, para que havemos de continuar sujeitos ao domínio masculino, que não é útil a ninguém? Não. Acabou tudo. É a mulher que compete agora a missão de dirigir e de governar. O homem já não vale nada. Guerra, por consequência, ao homem, que tem de considerar-se apenas — e já não é pouco — o maior de todos os insectos. Que me diz você a isto?

— Echo adórvêl.

— E agora adeus. São cinco horas e eu fiquei de estar às cinco horas com meu marido na *Bernard*. Ele detesta esperar...



## ÊSTE LUÍS...

EM literatura, como na política, há os que semeiam — e há os que colhem. Porque os que colhem não são sempre os que semeiam. Luís do Câmara Reis é um semeador — evidentemente um semeador de idiotias... que outros colhem. As páginas da «Seara Nova» são o seu campo de acção. Ai lança o semente à terra. Ve o «Seara» crescer em idealismo, e os próprios «espigas» que não esperam, os encara Câmara Reis como o *lavrador* que, entre as culturas, encontra os ervas daninhas: arranca-as e, asobiando, passa adiante. Além dum infatigável semeador, Luís do Câmara Reis é um incansável escritor. Há escritores cujo forma envelhece e há escritores cuja forma permanece em forma — como certos mulheres que conservam até ao fim a sua linha de elegância e de firmeza. Não há um cabelo branco no estilo de Câmara Reis. A sua «literatura», hoje, está porventura longe, nos motivos literários, do «Paris ou dos Contos de Marcos» (obras suas, de há muito anos), mas o homem de letras permanece, brandindo o seu puno, como um esgrimista não apenas no plano posse do seu moedado, mas no pleno posse de sua experiência. No dia em que o «Grupo dos Luíseas» constituir o inevitável governo, sob a presidência de Luís do Câmara (o nosso chefe de partido), Luís do Câmara Reis, o quem a «Seara Nova» tanto deve, occupar, por direito de conquista, a pasta de Agri... Cultura!

# SEMPRE FALSO E INJUSTO O MUNDO DE CARLOS RUAS

A magreza pálida do continuo, o Jacinto, emburrada em cotim alvado, rompeu pelo quarto vitor.

— Vem aí o chefe!  
Como por encanto, cessaram os diálogos, os comentários do futebolen, as leituras do "Notícias" e feriu o silêncio pesado, um silêncio de dor, de abafado matraquear de teclas, um afanoso raspar de penas.

De quando em quando, o senhor Macedo, segundo oficial no limiar da reforma, por cima dos óculos de meias lentes, alirava olhadelas furivas para o sítio donde surgira a mancha cinzenta do Jacinto.

Durou poucos minutos aquela expectativa enervante. O Jacinto apareceu de novo com as mãos aldrá das costas. Trazia um sorriso melo bonacheiro, melo superior, a distender-lhe o bigodinho grisalho. Com um ar protector, anunciou pausadamente:

— Ainda não é... Foi rebate falso...

A nova do Jacinto teve o mesmo efeito que um apito de fábrica anunciando a saída: as canetas foram votadas ao abandono habitual e as máquinas voltaram silenciosas inactivas. Recomeçou a cavaqueira.

— Elnh... Já vai mais longe e nada... — rompeu o Natividade da secretária do canto, distendendo as pernas com um ar de alívio.

— A chefia ainda é o único bem do funcionalismo... — acrescentou o Oliveira ajustando os óculos.

— Pois então! — concordou um escriturário de segunda a polir as unhas nas mangas de alpaca. — Quem os quere bons, arranja-os!

— O senhor Macedo, que força exertido nas promoções de quarenta e três, lamentou compungido:

— Mas o pior é que nem todos o conseguem...

E a D. Laura, que era muito à tola de mulher, murmurou:

— Isto, meu amigo, quem não tem patrinhos...

— Maria Teresa, uma dactilógrafa bonita, não podia tolerar que escotassem no senhor Fernandes. Ela não tinha nada a dizer dele, nem como homem, nem como chefe. Pelo menos para ela, era muito amável.

— Não muito muito amável. Além disso, não podia ver com bons olhos que dissessem mal nas costas das pessoas. Não podia levar à paciência... E não se conteve que não dissesse:

— Pois, pois... Todos falam e murmuram, mas quando éle chegar, desfazem-se em vénias e contêm-lhe a língua.

— Menos eul! Menos eul! — gritou, colorido, o Natividade. — Menos eul!

— Ora, ora... — trocou o Henriques. — Quando éle vier é que se quere ver. Tudo o mal é esgarçante!

Todos acietaram que sim. Ele era verdade que o Henriques e o Natividade se viam de vez em quando. Questão de clumcos realçados por causa da dactilógrafa dos impostos... Mas era mais logo. Lá isso. O Henriques não tinha razão. Era esgarçante.

Alguém de fora tamborilou no balcão do Henriques e estava mais perto, abriu a portinhola de vidro fôco do gúchets. Espetou-se uma cabeleirista.

— Faz favor de esperar um momento, meu caro senhor! — aconselhou o Henriques. — Nós não estamos sem fazer nada...

— Fechou a portinhola e, voltando-se para o Jacinto:

— Logo não se híd esquecer da minha gargalhada! São três decilítrou.

— E diga ao Rodrigues da escada que me arranje o "Tip-Top" — gritou outro.

— Que sim, que não se esqueça. O Silva das entradas retomou o fio à conversa:

— A água lá nada entra aí o homem com ares de gente grande e nem sequer nos dá os bons dias... — duas tardes as boas tardes! — emendou o Gasparinho olhando o relógio.

— Já importante é éle... — articulou uma voz grossa lá do fundo.



o Gasparinho entre risadinhas maliciosas.

Riram muito.

— Poderia não! Pois se o Gasparinho era o humorista da Repartição...

E a D. Laura, com os olhos lacrimosos da riota, confirmou logo que havia quem o dissesse à boca cheia.

O Jacinto deu-lhe a cabeça de fora do guarda-vento, para logo a recolher como empurrado por uma moça.

— Vem aí! Vem aí! — exclamou éle. Agora é que é certo!

U'nha reitolhada enorme, um arrastar de cadeiras e as canetas voltaram a ranger nas reinvoltas dos seus ballados ao som da batucada das teclas.

O senhor Fernandes entrou com toda a imponência de chefe. Pequeno, rebolado, pasta debaixo do braço, um anel de família a rebrihar na mão esquerda, atravessou a Repartição e empurrou o ventre vincado pelo cinto de vidro sintético e corredeu supertermente aos bons dias com o mimoseava de seu pessoal, melo orgulho nas cartelas, numa atitude repassada de timidez, de sabugie e de burlesco.

O chefe, entrou no gabinete e fechou-se.

O senhor Macedo levantou-se e saiu com aquêle passo lento, cadenciado, o passo oficial, criado pela necessidade de matar o tempo.

O Henriques segredou ao do lado: Este tambor é leve direitão... E um moirão de trabalho...

A D. Laura fez sinal ao Gasparinho e apontando o gabinete, consentou a meia voz: Vem de má cara... Zangas de família naturalmente.

O Gasparinho, como resposta, cantolou baixo: Corderinho, corderinho, corderinho, corderinho...

Todos soltaram risadinhas abafadas.

E as pilherias e os comentários piceiros, aiguezagueavam no ar, de secretária para secretária, numa voz abafada, por causa das represálias.

— Mas era mentira. Ele tinha a certeza de que era mentira!

— Tanto mais que éle só uma vez chegara a casa depois das onze... Uma vez não duas. Duas ou três...

— Era cáldia. Não tinha mais que ver. Era cáldia do da carta. Talvez ciúmes...

— Mas sempre queria ver... Sempre queria ver o que dizia o do telefonema...

O telefone retinlu.

O senhor Fernandes ficou com um ar parado, os olhos muito abertos, sem a consciência de nada. Por fim reagiu e atendeu.

— Está lá? Éle... lá?

— Ah! O processo...

— Sim, sim! Já informel...

— Segue ainda hoje...

— Boa tarde...

Respirou fundo. Ainda não era! Passou a mão, transversalmente, pela calva dum brilho gorduroso, pautada de escassos cabelhinhos empastados e entregou-se todo ao prazer dum «Xantia» na esperança dum alívio.

O coração do senhor Fernandes cominase como um becho de conta ao contacto de qualquer corpo estranho. As mãos tremiam-lhe. As pernas vergavam-lhe.

— Está?

— É o próprio...

— No Campo Grande...

— As duas?

— E els vai?

— Tem a certeza?

— Ahn? Tem a certeza?

Deixou cair o auscultador, desalentado, e arrastou-se até «smplies».

Não havia dúvida. O outro, o canalha da carta, tinha chegado.

— Mas não iria! Pronto. Não ia ao Campo Grande. Quem o obrigava? Não tinha coragem. Pronto! Não ia. E se fingisse que...?

Não! Isso não!

Iria! Estava decidido. Escondia-se atrás dum árvore... Ninguém o via... e éle... éle podia ver tudo...

Certos os olhos com toda a força que tinha, fransindo muito as pálpebras, como para se ocultar à câmara que se esviesse desorientado diante de si. Depois murrou o relógio. Uma e meia.

Saíu do gabinete arrastando-se, amachado pelo infartidino. Atravessou a repartição e parecia-lhe que em cada boca bailava um sorriso de escárnio; cada gesto, sentia-se como uma alusão à sua desgraça.

O Jacinto ainda lhe preguntou: — V. Ex., sentese mal?

— Que não. Que não se sentia. Enfiou no primeiro «táxi» e gemeu: Campo Grande!

Como desejava que aquela viagem nunca mais acabasse, que não houvesse Campo Grande, que esse lugar detestável tivesse nascido dum sonho fabril! Ah!, entrado no banco, escondido de todos, quisera viver anos, a vida inteira a rodar por esse mundo impávido.

— Mas tinha chegado. A realidade é impávida.

Escorreu-se atrás dum árvore com cautela de gato. E até a

(Continua na página 16)

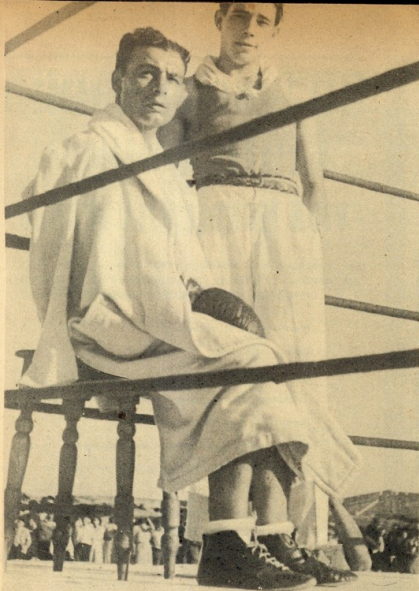
**PENDURÃO**

POR CORRESPONDENCIA, PELA QUANTIA DE GRÁTIS

**ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO**

A. DE MANUEL LARANJEIRA, 12-PORTO





O campeão nacional Miguel Franco, que, na sessão Cerdan-Ferrer, porá o seu título em jogo, num combate com António Mateus, aspirante oficial

**P**ARECE que o *«box»*, no nosso país, entrou de novo em letargia. Parece... mas não é verdade. Domingos Pinto, o organizador cuja admirável persistência ainda não teve justa recompensa, manteve-se entusiasmado na brecha, disposto a revestir a modalidade de um interesse sempre renovado. Outro que não ele, desiludido e cansado das contingências desportivas, materiais e burocráticas do jogo do muro, há muito que o teria pura e simplesmente abandonado à sua sorte, a qual nesse caso seria bem triste. Mas ele não desarma. Empreendedor e activo, o popular organizador todos os anos multiplica a sua actividade de forma a não deixar

que o fogo sagrado do público se apague sem pressa nem glória. Porém, o meio é ingrato. As dificuldades agora vigentes para a renovação dos quadros e revelação de valores, juntaram-se a mil e uma outras que tornam particularmente difícil a acção de um promotor de *«box»*. Por isso achamos que os méritos de Domingos Pinto sobem de gradação e importância, sendo muito de louvar a fé imperpével com que continua a sustentar uma modalidade sem alicerces e de certo modo prejudicada pela não existência actual da Federação respectiva. Pinto fez-nos, há dias, em conversa particular (e aqui cabe observar que

## SENSACIONAIS REVELAÇÕES SOBRE "BOX"

### SESENTA CONTOS GANHARÁ MARCEL CERDAN PARA COMBATER EM PORTUGALI

O famoso pugilista francês, que vai a Nova-York disputar o título mundial dos médios, jogará com Ferrer no próximo mês de Dezembro, em Lisboa

#### POR ARMINDO BLANCO

as conversas particulares com jornalistas correm sempre o risco de delatarem de ser particulares para se tornarem do domínio público), revelações que, pelo seu sensacionalismo, não queremos deixar de transmittir imediatamente aos leitores de «Vida Mundial Ilustrada». O acaso, mais uma vez, favoreceu o jornalista, e nós pudemos assim obter em primeira mão algumas notícias que muito interessarão o meio.

Começou por dizer-nos:

— Posso já revelar, agora que as negociações estão devidamente fechadas, que obtive o exclusivo da apresentação de Marcel Cerdan na Península Ibérica. Infelizmente, nós não temos em Portugal nenhum *«médico»* com classe suficiente para defrontar o categorizado pugilista francês. Desta forma, e para não privar o nosso público do prazer de ver Marcel Cerdan em acção, resolvi então, nos primeiros quinze dias de Dezembro próximo, ao espanhol José Ferrer, num *«match»* desforça do que ambos disputaram há anos em Paris, e no qual o pugilista do país vizinho foi vencido por «K.O.» ao primeiro assalto. Cerdan cobrará sessenta contos de bolsa, uma das maiores que se têm pago neste país.

— O combate está assegurado?

— Virtualmente. Ferrer, à última hora, e receoso, talvez, pelo desfecho do combate, impôs uma condição que já submetti à apreciação de Cerdan.

Estou aguardando a resposta.

— De que condição se trata?

— Ferrer exige que, caso o combate de Aligés lhe seja desfavorável, Cerdan lhe conceda nova desforça, desta vez em Barcelona. Julgo que o francês não recusará a pretensão de Ferrer.

— Que mais combates temos nessa sessão?

— Penso opór Beni Levy ao espanhol Lloveras, e Miguel Franca a António Mateus, em disputa do campeonato nacional dos *«leves»*. O primeiro combate, porém, está dependente de uma circunstância que espero ver resolvida com brevidade.

E Domingos Pinto prossegue:

— A Federação Espanhola, não sei se já lhe disseram, officiou há dias à nossa Direcção Geral dos Desportos, comunicando que não consentiria a vinda a Portugal de mais pugilistas seus filiados enquanto não esti-

vesse formalmente constituída a Federação Portuguesa. Se esta ameaça for cumprida, e não se chegar a um acôrdo, ver-me-ei em sérios apuros para organizar as sessões que tenho em projecto.

— E são muitas?

— Muitas não são porque o inverno não permite uma utilização regular do Estádio Mayer. Em principio organizaréi apenas uma sessão por mês, no Coliseu, aproveitando as datas deixadas livres pela exploração normal daquela casa de espectáculos. Na primeira destas sessões teremos um embate de Levy com Micó ou com Valdes. Caso nenhum destes pugilistas se possa deslocar a Lisboa, por via da possível proibição superior, oporei Laizen a Sousa, em combate para o título.

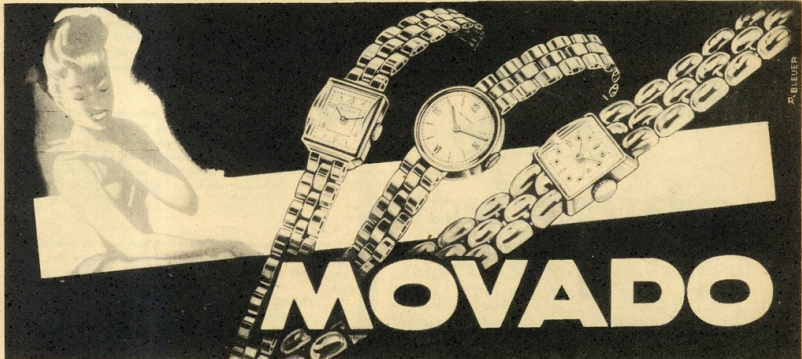
— E entretanto...

— ...o movimento ibérico continua. Está iminente um combate de Sousa com Ferrer, em Barcelona, bem como na mesma cidade, uma sessão na qual Gama defrontará o supracitado adversário de Sousa, e Eduardo Alves

(Continua na página 10)



Beni Levy, o valoroso moçambicano que continua a ser o ídolo dos entusiastas portugueses do *«box»*. Na sessão Cerdan-Ferrer, Levy jogará com o famoso *«pegador»* espanhol José Lloveras.



prefira  
**SHEAFFER'S**

a caneta de tinta  
permanente  
de fama  
mundial



else

**Skrip**

**O SUCESSOR DA TINTA**

**DISTRIBUIDOR PARA PORTUGAL:**  
**AZEVEDO & DUARTE, L.<sup>DA</sup>**  
RUA DO CRUCIFIXO, 76, 1.º - LISBOA - TELEF. 26297

Está finalmente desvendado  
o grande mistério...

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

VAI PUBLICAR UM NÚMERO EXTRAORDINÁRIO DO NATAL, QUE DEVERÁ CONSTITUIR O ACONTECIMENTO MAIS SENSACIONAL DO JORNALISMO PORTUGUÊS DE 1945!

Maior número de páginas

Capa a mais cores

Melhor papel

Colaboração de alguns dos melhores escritores portugueses

Reportagens sensacionais

Novelas seleccionadas entre os melhores autores

A melhor documentação fotográfica de todas as revistas portuguesas.

...e além de tudo isto — o bastante para fazer o êxito de um grande número de uma grande revista,

**PRÉMIOS AOS SEUS LEITORES NO VALOR DE MUITOS MILHARES DE ESCUDOS!**

Prémios valiosos e utilitários adquiridos nas casas de maior categoria de Lisboa, dentro das respectivas especialidades. Foi dada assim a preferência às casas que melhor garantia de qualidade poderiam oferecer.

Desses prémios iremos dando conta em números sucessivos. Mas, de entre os principais, podemos anunciar já hoje os seguintes:

- 1 Uma mobília de sala, com sofá e dois «maples», uma mexinha em estilo moderno e uma «carpetten». O seu valor é de Esc. 8.000\$00 e foi adquirida na casa Guimar, Ltd., na Rua da Prata, 183 — um dos melhores estabelecimentos do género da capital. Desenhadores e decoradores especializados. Um nome que é uma garantia de qualidade e de bom gosto.
- 2 Uma máquina de costura «Husqvarna», formando um belo móvel. Um prémio que é uma sedução para todas as mulheres. Indispensável em todos os lares. Uma máquina de qualidade de origem sueca. Construção sólida e perfeita. São da Suécia os melhores peças do mundo. O valor desta máquina é de Esc. 5.000\$00. Foi adquirida na Sociedade Luso-Sueca, Ltd., Rua Alexandre Herculano, 9.
- 3 Um magnífico aparelho de rádio «LUXOR». Modelo dos mais modernos, para todas as correntes. Valor de Esc. 4.000\$00. Adquiri-mo-lo na casa José Costa, Rua de S. Paulo, 11, um dos melhores estabelecimentos vendedores de aparelhos de rádio de Lisboa, onde podem encontrar-se sempre os melhores marcas de aparelhos e os mais modernos e belos modelos.

Não deixe, portanto, de se habilitar. Além de ficar com um número extraordinário de «Vida Mundial Ilustrada» — um número que só por si valerá mais do que o seu custo — poderá receber ainda

**PRÉMIOS NO VALOR DE ALGUNS MILHARES DE ESCUDOS!**

Mas como? Como podem ser obtidos esses prémios?

É o que ficará sabendo no próximo número...



## ARMANDO CALVO PASSOU POR LISBOA A CAMINHO DO MÉXICO ONDE VAI FILMAR AO LADO DE DOLORES DEL RIO

**A**RMANDO Calvo, herdeiro dum nome ilustre do Teatro espanhol, celebre no palco e na tela, passou, há dias, por Lisboa, a bordo do «Marquês de Comillas», a caminho do México. O artista lamentou não poder estar algum tempo em Lisboa e tomar contacto com os nossos artistas, alguns dos quais conheceu no seu país. No México, Armando Calvo interpretará dois filmes: «Mundo, Demónio e Carne», com Maria Félix, e outro cujo título ainda não sabe, com Dolores del Rio, que, depois de ter sido uma das mais célebres estrelas do firmamento de Hollywood, trabalha agora, afanosamente, no seu país.

Segundo é voz corrente em Espanha, Armando Calvo, no regresso da México, casará em Madrid. A noiva fica a esperar, mas ele, à partida, já pergunta que foi dirigida nesse sentido, responde:

— En realidad es muy posible que lo haga. Pero me parece un egoísmo sacrificar a una mujer... Es que la vida de un actor trae consigo muchos motivos de sufrimiento y de celos para la mujer que se case con él...



Ho dias, o chuva caiu abundantemente em Lisboa, e registaram-se cheias em vários pontos da cidade. As fotos mostram dois aspectos das inundações.

## ECA DE QUEIROZ HOMENAGEADO

**E**CA de Queiroz é o artista sublime da frase — e criou, com aferventado amor, um mundo de extraordinário encanto onde as personagens vivem, sonham e pensam todas movidas pelo fundo sagrado da realidade...

Nunca um romancista teve mais exaltada a sua obra, fora das fronteiras do país, do que o directo filho de Póvoa do Varzim, que foi cidadão do mundo pela elegância e dandismo que dele emanava, desde o colarinho ao polimento dos sapatos...

As «Prosas Bárbaras», seu primeiro livro, civato de romantismo, mas de sentido revolucionário, não teria deixado que o autor dos «Mataes chegasse a mais alta craveira das letras — se o monólito de Eça, fasciante, não se apercebesse de que, a sua volta, havia um mundo a decompor-se de ridiculo, que precisava de ser criticado.

É assim que, influenciado pelas correntes realistas da França, e dominando pelo sentido irónico, a sua attitude firme de naturalista, diante da Arte, «A arte — dizia — é a copia da Natureza feita pela Imaginação. Os seus exitos foram retumbantes: critica, encolhidos nos exigiu voo, acusaramo de plagador — e vieram com arruaças sobre ele a analogia de Zola.

Filipeiro Chagas — sempre esse homem — verbalista, escritor, académico, proprietário de jornais, jornalista, Portugal inteiro a mexer-se numa cabeca — «oh, estadista brilhante! — atacou-o no relatório da «Intelligencia», entregue á veneranda Academia. Eça esgrimia com florete — e venceu. Chagas de-



fendeu-se com o patriótico arcabuz, mas tombou inglórridamente.

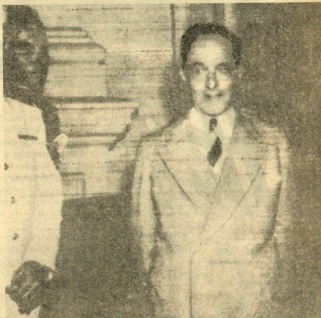
A inauguração do Canal do Suez, onde assistiu, no mundo compassivo, com o seu futuro cunhado, Oriente numa viagem que, então, foi de bon gosto na Lisboa provinciana.

«Este centenário que agora se comemora foi o tributo de gratidão que os portugueses souberam pagar a quem tão bem soube perpetuar o nome da Pátria — teria dito o conselheiro Acácio se fosse vivo.

O sr. Presidente do Republico na abertura do ano lectivo da Universidade Técnica.



Esta é a última fotografia de Getúlio Vargas, ao abandonar o palácio de Guanabara, para seguir para o seu «rancho» de São Borçes. O ex-presidente declarou, nessa altura, que se recolher-se a um mercadão desconsa, e que se havia demitido para evitar mais distúrbios no país.





«Estadística» - Abaixo-se este diagrama, verifica-se que Du Sica tem concorrentes, mas não muitos.



Quatro vestidos precisamente concebidos: «Encantamento», «Cintalção», «Gloria» e «Charme de Paris».

SUA EXCELÊNCIA A  
**MODA**  
 NÃO VEM SÓ DE PARIS!



Resumo dos tipos de Paris, glória da moda, que se vêem, sobretudo, em Portugal.

H

SEMPRE assim que a palavra Moda e a palavra Paris andam sempre de mãos dadas. É assim que se compreendem uma após a outra, as novidades que a moda traz para a cidade que a moda faz. Mas não se trata de novidades que se possam deixar de ser, certo modo ou outro, óbvias de alguns momentos que se vão sucedendo. É a Moda de Paris ou Paris — ou não poucas coincidências.

Resumindo, mesmo assim, finalizando o estudo de estilo de Paris e a leitura do livro de Du Sica, conclui-se alguns conclusões sobre o destino atual da moda de elegância feminina, e pensar e a criar as suas novidades.

Portugal, tal, não deixa, um dia sequer que não seja

foram as elegâncias das modas e no entanto de Espanha se trouxe para ser elegância e bem glória.

A moda que fazemos em Portugal tem muito que tirar de Espanha e de Espanha também.

Entre duas modas foram trazidas no livro de Du Sica, a moda de Espanha, com a presença de Madama Carnava, que sempre é a moda.

É muito forte, sobretudo em consideração que, um modelo de moda, talvez, de modo que a moda sempre se renova.

A moda e a sua glória foram se foram sucedendo assim, sendo, em que se mostram de Lisboa a moda e a sua moda de elegância.

Portugal, tal, se sempre a moda de elegância, a moda de elegância das modas, a moda de elegância das modas, a moda de elegância das modas, a moda de elegância das modas.





Esta é, de facto, a última foto de Adelina, com a sua cadelinha predilecta. Tirou-a o nosso fotógrafo Armando Serôdio para uma capa há pouco publicada, de «Vida Mundial Ilustrada».

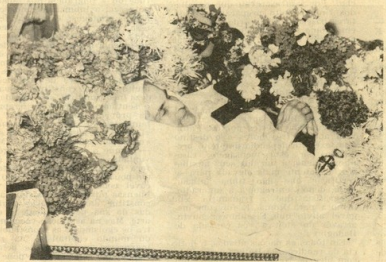
**A**DELINA Abranches foi há dias a enterrar. Com ela desapareceu um nome do nosso teatro a que não é favor chamar-se glorioso. Os elogios estão, hoje, banalizados. Mas o nome de Adelina dispensa-os. Não temos, pois, mais que recordar o que foi a sua carreira brilhante.

Os velhos conhecem-no bem, e a muitos, ao sabermem da sua morte, devem ter-se-lhes unedecido os olhos, de saudade. Os novos, conheciam-na porque ainda a viram trabalhar e sabiam, pelos velhos, que estava ali, naquele corpo franzino de mulher pequena, uma grande, uma enorme actriz.

Pois a Adelina foi, há dias, a enterrar. Acompanharam-na muitos colegas, que todos a admiravam e respeitavam, e muitos admiradores, que tantos tinha. Com ela — não é demais dizê-lo — perdeu o nosso teatro um nome grande, daqueles que, para o serem, não é preciso escrevê-lo em letras grandes, nos cartazes.

Artista que só teve pares em Lucinda Simões, Angela, Lucinda do Carmo e poucos mais, deixou um rasto de glória na história do Teatro português. Dois públicos vibraram com ela em momentos altos da sua carreira: o português e o brasileiro.

Mas em qualquer país do mundo Adelina teria sido uma excepcional actriz. Adelina, que nasceu em 15 de Agosto de 1865, deita no Teatro, como estrela luminosa da sua passagem pelo palco, seus filhos Aura Abranches e Alfredo Huss, que oxali não sejam os últimos duma dinastia que tanto dignificou o teatro português!



Armando Serôdio, que foi o último a fotografar Adelina em vida, foi o primeiro a fotografá-la, após o seu falecimento, que enlutou o teatro português.

## MORREU UMA GRANDE ACTRIZ



Adelina, velha «pexinheira» de rancor tenaz, não resiste ao netinho ainda desconhecido e doente que lhe é apresentado pelo dr. Morta e Costa



No estúdio improvisado do velho «jardim de inverno» do São Luiz



Num intervalo de filmagem: Adelina conversa com Adelino Mandas, director do semanário «Cinéfilo», que fôra à Nozaré assistir aos trabalhos do filme. De pé: António Lourenço. No chão: Jorge Brum do Canto — também de visita à equipa — e o assistente de imagem Teixeira Pinto.

## ADELINA NO CINEMA

Adelina Abranches não foi só uma grande actriz de teatro. O cinema português deve-lhe, também, alguns dos seus melhores momentos.

As fotos que publicamos, do filme «Maria do Mar», de Leitão de Barros, documentam a passagem pelos estúdios da gloriosa actriz. Estávamos, então, em Setembro de 1929.

# Sensacionalis e reações sobre 'Box'

(Continuação da página 9)

ruzará luvax com Romero, campeão espanhol.

— Eduardo Alves? — Sim, Eduardo Alves. De Espanha pediram-me um meio-levé, e eu entendi conveniente optar por ele. Já Lício não atraiu tanta multidão. No momento, de certa maneira idêntico ao que Levy já experimentou. Ora as psicologias de um campeão Nacional devem ser encareadas com o necessário sentido das responsabilidades. Restavam-me, portanto, dois pesos: o Rocha II. Tive de pô-los de parte por se tratar de pugilistas em formação e sem condições para luta dura. Seria mesmo um crime arriscar-me a «quemilhos» quando há ainda a esperar as suas promissoras faculdades.

— Mas Alves... — Meu amigo: Alves foi avisado com três semanas de antecedência, e foi-lhe a poder preparar-se a um treino intenso e profícuo. Bem preparado, portanto, é possuído daquela experiência e sabe que ninguém osará negar-lhe, pode fazer a «vida cara» a Romero, e até mesmo colar-lhe em dificuldades. O espanhol «enxaixa» relativamente pouco, e nos primeiros assaltos dá-lhe pontos e «chutes». Depois será o que Deus quiser, embora desde já me esteja a certezas de que Eduardo não comprometerá o bom cartaz de que os nossos pugilistas dispõem actualmente no país visivelmente.

Damos o caso por discutido. A conversa enveredou agora por novos rumos.

— Digame, Domingos Pinto, que mais surpresas nos trarão as suas próximas iniciativas?

— Antes de mais nada vou dedicar-me de alma e coração à preparação de novos elementos. O director da Educação Nacional acaba de aprovar os estatutos do Mayer Athletic Club, colectividade que formalmente se dedicará exclusivamente ao «box» amador. O espanhol decidiu-se com o nível clube, tomando parte com os seus pugilistas nas sessões que se irão dar no Estádio Mayer em Dezembro, com entradas pagas, aos domingos, de tarde. O Mayer já dispõe para começar, de vinte animosos rapazes, que estão a ser intensamente treinados por Serafim de Jesus e António Brito. No Norte também o pugilismo amador deve entrar em breve em actividade que, com a particularmente proveitosa, dada a abundância de matéria-prima que sempre existiu no

país.

— Nesse caso, o panorama actual do nosso «box» não é nada desanimador...

— Alto lá com entusiasmos prematuros — atalha Domingos Pinto imediatamente. — Eu não disse nada disso. Antes pelo contrário, o panorama actual, em princípio, não alimenta

## O senhor Fernandes

(Continuação da página 8)

arvore, na sua gigantesca serendipite, parecia encoicir-se com uma coupleta trocista.

— Faltavam cinco minutos para as duas. Viu um velho e mulher lá muito ao longe. Seria ela? Não distinguia.

— Os deuses? Apalpusou todo atabalhoadamente. Esquecera-se dos deuses. O vulto aproximava-se.

— Pouco a pouco, inadvertidamente, o Fernandes foi saindo do escondejo.

— Parecia ela. Parecia... Parecia... Era mesmo ela, a sua Luzita! Não havia dúvida.

— O Fernandes ficou boquiaberto, de braços caídos, com um brilho branco no olhar, apavorado, rídiculo.

— A Luzita viu-o. Estacou, surpreendida. Mas... as mulheres têm arte para se livrarem de situações difíceis...

— No seu caso — segredou-lhe a intuição — a ofensiva era a melhor estratégia.

— Não hesitou. Apressou o passo e aproximou-se dela. Carregou o fardo, despediu olhares odientes e lançou-lhe ambas as mãos, violentamente, à lapaça do caso.

— O Fernandes nem fôra tinha para reagir. As palavras enrolavam-se-lhe na garganta. Não podia dizer nada. Estava atordado.

— Logo partido.

— Com que entusiasmo no Campo Grande, ahn! A espera da «mastronça»? Ela sei tudo, meu Adriano! Não há bozo! Eu sei tudo! Que julgavas tu, que eu era parva? Meu malandro! Meu canalha! Assim é que se trata de reparação, hein? Peço-nhento! Não te justifiques! Não vale a pena! Eu estou desde a Batxa atrás de ti... Mulherengo!

— O Fernandes nem procurava re-

grandes esperanças para «depositar no futuro. Tudo está por fazer, e, nestas condições, sei de pessoas que se levanta a luz para subirem ao erário. Ao mesmo tempo, os pugilistas profissionais perderam a cabeça e desastaram a pedir a luz para subirem ao erário. Um campeão nacional pediu-me, há dias, trinta contos para pôr o seu título em jogo. Esqueceu-se dele e outros, de que um pugilista não pode cobrar pelo valor desportivo que vale possui, mas sim pelo que representa como elemento de cartaz, isto é, pelo valor que os espectadores que atrai à bilheteira. E por isso que eu insisto em utilizar com frequência os serviços de Bení Levy.

— Como assim? — Eu explico: uma sessão mediana ficamos, hoje em dia, com trinta e tal contos. Mas a receita, por via de regra, não ultrapassa a casa dos vinte cinco contos. Nestas condições, como querem determinados pugilistas que o organizador monte «veladas» com maior regularidade? É impossível, materialmente impossível. Depois, há que repletar as sessões com as suas garantias de êxito. E, neste momento, só Bení Levy, pela sua experiência, consegue assegurar um rendimento de bilheteira compensador.

— Mas então, não há pugilistas cuja popularidade aumentou consideravelmente nos últimos meses?

— Há. Mas esse aumento de aprego público não chega, por ora, para os elevar à categoria de estrelas do pugilismo.

— Foi uma lástima que Júlio Neves e Manuel Braga não tivessem regressado a África. Julgo que eles poderiam tornar-se autênticos ídolos populares.

— Domingos Pinto sorri... e o jornalista presente outra caixas de sensações vem ela.

— Pôls três oportunidade, meu amigo, para ver confirmadas ou desmentidas as suas esperanças. Braga, Neves e Tafel acabam de fechar contrato, e estão agora esperando o momento que se irá dar no Estádio Metropole. Mais mês, menos mês, têm-los por aqui, com as suas facilidades. E não vêm já porque eu ainda estou a ver em que condições se irá dar a matéria de «box», o Inverno não é propício para aventuras arriscadas. Portanto, se for necessário esperar até ao verão, espera-se!

— E, dito isto, Domingos Pinto ficou-se numa sorriso de mal contentamento. Não seguia mais nada de interessante para o leitor, motivo porque damos a entrevista por terminada...

— O seu ar apavorado, folse-dito, não sorria, não me contentava. Ouvia tudo, muito feliz, muito calado. Sabiam-lhe bem aqueles insultos de desdém e de desprezo. E, naquela altura até não se importava de que ela lhe batesse. Até gostava! Até gostava!

— Cuidadina... tinha címeas...

— Pobre Luzita! Calcularam a sua pobre Luzita! Era mentira! Foi o dia, carnalha! Era mentira! Ela até tinha címeas... Ela até tinha espilhões... Ela até tinha deuses... Ela até tinha ao seu Adriano...

— Com um sorriso feio, fingia justificar-se, fazendo gestos vagos: — Oh, filha... tu compreendes...

— É um malandro! És um prejurto! E ainda te fias, descaído!

— O Fernandes não se atrevo à sua Luzita, aconechegou-se e aconheou que seguisse, que não fizesse escândalo, que se calasse, que se calasse, que se calasse...

— E lá foram: o Fernandes, muito pequenino, muito rebolado, agarrado àquele braço jovem, com um ar insatisfeito de protegido; a Luzita, com um sorriso feio, a olhar para a balla-lhe nos lábios...

— Com um sorriso feio, Fernandes, humilde como um cordeirinho...

— Cordeirinho? Upa, upa! — dizia o Gasparinho da reparação.

## Rendição da Itália

(Continuação da página 17)

comunicado do armistício feito por Badoglio, não se atrevo a transmitir a sua mensagem. Não quero saber que Eisenhower inclina a sua cabeça para a audiência ao embaixador alemão em Roma e fêz a comunicação formal.

— Este levante da comunicação, dando um murro na secretária, exclamou:

— Mas isso é uma traição!



**RELAMPAGO**  
DISTRIBUIDOR  
para:  
Bastardo  
Luzitana  
Bidoé  
Lava-Louca  
Lava-Loupa

Um  
**RELAMPAGO**  
é indispensável

UMA DONA DE CASA, PREVI-  
DENTE TEM DUAS PREOCUPAÇÕES:  
**O CONFORTO E A ECONOMIA DO SEU LAR**  
RELAMPAGO SATISFAZ ESTAS DUAS EXIGÊNCIAS  
A VENDA NOS SALÕES  
**FABRICA PORTUGAL**

Restauradores, 49-51-A, da República, 59-R, Febo Moniz, 1-10-R, da Graça, 82-84

quando ouviram estas notícias. Rossi empolhosara. Na sua opinião era a primeira vitória da Itália sobre os chefes hitlerianos. Queria que se desse mais tempo para tomar precauções contra os alemães, que estavam a vir a Itália. Como eles, o seu único pensamento era — o que iria acontecer a Roma?

Os dois oficiais americanos tinham completado a sua missão e não se corria satisfatoriamente. Se bem que os italianos não o soubessem ainda a esquadra de invasão dirigida naquele momento para as praias de Salerno.

Subsequentemente, soube-se o motivo porque Badoglio decidira transmitir a sua mensagem. O general Eisenhower estava cuidadosamente resolvido a fazer todos os esforços para que a comunicação de Badoglio chegasse aos ouvidos do exército italiano e ao receber as mensagens amigáveis de Taylor-Gardiner, sentiu-se a vontade para transmitir o seu apelo dirigido a Badoglio.

Eisenhower sabia muito bem ser directo e incisivo nos momentos necessários. Dispunha de boas razões para convencer o velho marcial. Por isso escreveu que os aliados tinham feito preparativos militares baseados nos acordos assinados em nome do marechal pelo seu emissário especial. Se o marechal renegasse os seus compromissos mancharia a sua honra de soldado a opinião mundial ficaria com péssima impressão sobre a Itália. Além disso, os alemães, se descobrissem que os italianos tinham estado a traí-los, seriam impiedosos.

O texto da mensagem nunca foi publicado nos jornais. Entretanto, abordava estes pontos. Faltavam apenas três horas e o destino dum exército dependia do efeito produzido por esta mensagem. Eisenhower levou a um dos seus auxiliares de confiança e transmitiu-lhe para certificar que não tinha falhado nada, depois entregou-a a um radiotelegrafista que a transmitiu sem demora para Roma. E foi com inevitável alívio que Eisenhower ouviu, através do éter, a voz cansada de Badoglio.

Quando as nações aliadas, a notícia da rendição da Itália, foi recebida com alegria. Nessas mesmas noites, um grande número de pessoas, que a audiência ao embaixador alemão em Roma e fêz a comunicação formal.

— Este levante da comunicação, dando um murro na secretária, exclamou:

— Mas isso é uma traição!

— Mas isso é uma traição!

— Mas isso é uma traição!

— Mas isso é uma traição!

— Mas isso é uma traição!

# NOS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

VIII  
POR  
JOSÉ CORREIA  
RIBEIRO  
CONCLUSÃO  
DOS NÚMEROS  
ANTERIORES

## COMO FOI PREPARADO EM LISBOA

## O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

O marechal Badoglio concordou e sentou-se imediatamente a secretária para escrever uma mensagem ao comandante aliado. Simultaneamente, redigiu uma longa declaração para o general entregar pessoalmente.

Os pontos essenciais da questão eram os seguintes: o adiamento da comunicação do armistício e o cancelamento da planejada operação aerotransportada.

Pelo menos o segundo ponto tinha de ser automaticamente pôto de parte. Taylor sentou-se à secretária do marechal e escreveu também uma breve mensagem em que recomendava pessoalmente o cancelamento da operação.

Nessa noite, as condições atmosféricas estiveram excepcionalmente más. A mensagem que Taylor escreveu à 1 hora e 21 minutos da madrugada só chegou a Argel às 6 horas da tarde.

Previdentemente, o quartel-general aliado tinha tomado providências para o caso do plano aerotransportado não estar a decorrer normalmente. Durante as discussões de Casibelle, tinha sido prevista a possibilidade dos italianos não cumprirem o horário marcado e marcara-se uma palavra de código para indicar que a operação devia ser cancelada. Essa palavra era «inocua».

Quando Gardiner e Taylor acordaram, foram informados das dificuldades existentes na transmissão das mensagens. Como precaução extraordinária, Taylor tornou a enviar uma nova mensagem de duas palavras duas das onze horas dessa manhã. «Situação inocua», dizia a mensagem. Também esta foi retardada, e só chegou aos quartéis-generais avançadas ao cair da tarde. Entretanto, a primeira comunicação acabara de ser recebida e as ordens de cancelamento foram expedidas com a maior rapidez para as bases onde estavam concentradas as tropas aerotransportadas. No entanto, só chegaram às mãos do oficial comandante da expedição às 4.30 da tarde. Por essa altura, os aviões de transporte já se encontravam alinhados nos aeródromos e os paraquedistas preparavam-se para ocupar os respectivos lugares nos aparelhos. Mal sabiam eles ao voltar para as suas tendas de campanha que tinham sido salvos dum morte certa...

No Palazzo Caprera, Gardiner e Taylor nada mais tinham a fazer senão aguardar ordens do quartel-general. Em determinada altura, as sirenes de alarme aéreo começaram a soar enardecidamente e pouco depois começava a ouvir-se o cair das bombas. Inclinara-se um destruidor atirando ao quartel-general alemão instalado no subúrbio de Frascati, a poucas milhas de distância.

Os dois americanos reconheceram os motores dos bombardeiros pesados das forças aéreas dos Estados Unidos, se bem que nessa ocasião não souberam qual era o alvo que estava a ser bombardeado.

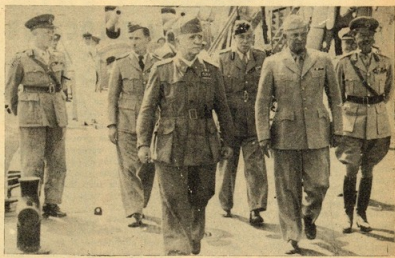
O general Carboni veio falar com os dois oficiais americanos às onze horas e comunicou-lhes que tinham acabado de chegar notícias, ordenando-lhes que regressassem ao quartel-general. Fazia parte do plano levarem com eles para o Norte de África uma geral que se reuniria a Castellano e ao seu crescente Estado-Maior.

A princípio, o governo italiano decidira enviar a general Roatta, chefe do Estado-Maior do exército. Os americanos fizeram um pouco descontentes com esta escolha, porque Roatta fora adido militar em Berlim e era considerado muito afeiçoado aos alemães.

Porém, delicadamente não fizeram a mais pequena observação. Possivelmente, os italianos lembraram-se disto e decidiram que Roatta seria muito útil quando os alemães oviassem a má nova do armistício. Fosse lá por que fosse, a verdade é que o escolhido foi o tenente-general Francesco Rossi, segundo chefe do Estado-Maior general. Foi também nomeado para o acompanhar um intérprete de nome Tagliavia.

Taylor e Gardiner alojaram magnificamente acompanhados pelos oficiais italianos e repousaram nos aposentos que lhes tinham sido destinados, até às quatro e meia. Depois, a pequena camioneta entrou no jardim do palacete, de modo a que os dois americanos nela tomassem lugar sem serem vistos por qualquer transeunte.

Foram quatro os passageiros que entraram para a camioneta — o general Rossi, Tagliavia, o general Taylor e o coronel Gardiner. Ao dirigirem-se para o aeródromo de Cen-



A 30 de Setembro de 1943 o general Eisenhower recebeu o marechal Badoglio a bordo do couraçado «Nelson». Na foto, vêem-se da esquerda para a direita: Lord Gort, o marechal Tedder, Badoglio, o general Mac Farlane, Eisenhower e o general Alexander.

toselle, mais uma vez tiveram que fazer desvios, por causa da passagem de nevoeiro que tinham sido bombardeadas.

Durante a viagem para o campo de aviação, os viajantes correram um risco bastante inesperado. Em determinada altura, o veículo teve de parar para dar passagem a um destacamento de tropas. Espreitando pelas janelinhas, os oficiais americanos viram os soldados alemães passar rentes à camioneta. O que sucederia se aos alemães lhes desse na cabeça passar uma busca à camioneta? Teriam os alemães descoberto a presença dos americanos?

Os breves minutos que durou o desfile pareceram intermináveis. Então, os fugitivos ouviram uma gutural ordem em alemão e o destacamento fez meia volta à direita e seguiu por uma outra estrada. E de novo a camioneta se pôs em marcha...

Quando chegaram ao aeródromo,

aguardava-os, na extremidade mais afastada da pista, um trimotor «Savoia-Marchetti», tripulado por quatro aviadores italianos. As hélices já estavam em movimento. Os motores aquecidos. Os americanos, sempre acompanhados por Rossi e Tagliavia, saíram da camioneta e subiram para bordo do avião o mais depressa possível. A porta do aparelho foi imediatamente fechada e, sem a menor perda de tempo, o «Savoia» arremessou a pista e levantou voo.

A largada de Centocelle fez-se às cinco horas. Estava uma bela tarde de sol. A medida que subiam, os americanos tiveram ocasião de admirar, pela primeira vez, o panorama global de Roma. O avião enclimbou-se directamente para a costa, entre a Sardenha e a Corsega. Uma vez sobre o mar, fizeram rumo ao sul e dirigiram-se para Tunis.

A aviação aliada que patrulhava a costa norte-africana fora avisada da chegada iminente do «Savoia» e recebeu instruções para não o molestar. Próximo da costa da Tunísia, um caça americano avistou o «Savoia», com os seus distintivos italianos, e aproximou-se para investigar. Fêz vários círculos em torno do avião suspeito, enquanto os seus ocupantes viviam um momento de verdadeira angústia. Depois, aparentemente desancando, afastou-se.

Quando o avião italiano aterrou no campo de El Bonina, a poucas milhas de Tunis, eram quase sete horas. O general Eisenhower já radiodifundira as seis e meia a sua mensagem em que anunciava ao mundo o armistício italiano.

Quasi simultaneamente, a BBC de Londres e as cadeias de emissores americanos começaram a espalhar a notícia por todo o globo. O pessoal do aeródromo está em eferescência.

Porém, antes de saírem do aeródromo, Taylor, Gardiner e os seus dois companheiros italianos tiveram uma surpresa inesperada. Os aparelhos de rádio tinham sido mantidos em ligação com a estação de Roma e tinham captado a notícia da tardia

(Continua na página 16)



A bordo do «Nelson» fundado em La Valette, Badoglio passa o tempo a uma guarda de honra de fuzileiros navais britânicos.



# QUANDO CAIU UMA "V" NA B. B. C....

## UMA ENTREVISTA COM O LOCUTOR JOSÉ CASTELO

**F**ERNANDO Pessa, entrevistado recentemente pela «Vida Mundial Ilustrada», falou na sua entrevista num dos nomes mais populares da nossa rádio: José Castelo. E falou de José Castelo com admiração e amizade muito acentuada.

José Castelo... O seu nome soude de novo aos nossos ouvidos numa lembrança agradável. O popular artista da nossa rádio, que durante tantos anos deu o melhor do seu esforço e da sua inteligência escrevendo e animando centenas e centenas de programas ou simplesmente como locutor e que um dia se foi de abalada até à B. B. C. de Londres, voltou doente... que será feito dele? Nunca mais nos microfones portugueses apareceu a sua voz, o seu sorriso alegre e simples, as suas canções coloridas... Porquê?

Voltou de Londres quando a guerra

estava a menos de um mês do seu fim e nunca mais o vimos nem houve quem o ouvisse no «seu rádio»...

E fomos em sua procura...

José Castelo recebeu-nos alegremente: «Bem-vindos sejam, amigos...». Desta vez, fora da «cabine», mas no seu gabinete de trabalho, na STAR — onde emprega hoje a sua actividade.

— A que devo a vossa agradável visita? — interroga-nos.

— Você abandonou a rádio?

— Que ideia, meus amigos... Nada disso. Estou apenas a retemperar as forças, os nervos... Creio merecer umas férias... Repare que foram mais de 12 anos seguidos... E ano e meio de guerra... em Londres...

— A propósito de guerra... O Pessa contou-nos daquela bomba «V» que caiu perto da B. B. C. quando você estava a trabalhar...



«Ao microfone da B.B.C., estação de Londres, José Castelo falou para os portugueses.»

Gostáramos de saber mais pormenores...

— Mais pormenores? Tem pouco que contar, meus amigos... O Pessa disse-lhes tudo... Faltavam cinco minutos para eu ir para o «ar»... e fui para o chão... Eu e mais alguns colegas... O Dague, ficou ainda ligeiramente ferido... A missa Soames, também... Foi um péssimo bocado, confesso, mas tudo se fez depois... Lá fui ler o noticiário, pois a mim competia por escala de serviço...

— Lembra-se do dia?

— Muito bem... São Pedro de 1944... Fiquei com os nervos arrastados... mas não falemos mais de guerra... Estamos em paz... e que Deus a conserve por muitos e longos anos, se não puder ser para sempre...

As palavras de José Castelo, obrigam-nos a esta pergunta:

— Porque foi você, para a B. B. C. na altura da guerra, se sempre amou e cantou a Paz?

— A minha ida para a B. B. C. foi uma prova máxima a que quis sujeitar a minha vontade e habilidade... E também o desejo intrínseco que tinha de demonstrar a certos «individuos» que o lugar que eu usufruía aqui, não era exagerado... São contos largos...

— E da B. B. C.?

— Saúdares e só saúdares!... Saúdares de alguns bons amigos e camaradas... E depois, foi realmente em Londres que descobri que era poeta... Foi em Londres que senti bem na alma a poesia da saúde! Sabe lá como vive em nós tudo quanto fala da nossa terra... Um pedaço dum jornal que lá chega, um livro português que se encontra num velho alfarrabista... um retrato dum parente querido, dum amigo dedicado... Uma carta da nossa terra... Sempre trouxe comigo, um pequeno mapa de Portugal que via sempre que abria a cigarrreira... Talvez lhe pareça plegas...

Mas a verdade é que logo que aqui cheguei fui convidado para dirigir uma estação emissora nas nos-

sas colónias africanas... e, apesar da África ser «nossa», nada me arrancou daqui...

— Profundo amor ao seu... ao nosso «cantinho»...

— Sim! Um profundo amor...

— Mas voltamos ao nosso assunto: Que pensa da rádio portuguesa?

— Que já se vão fazendo umas coisas... Claro que poucas... Estamos realmente um pouco atrasados... Creia que não falo por mim e nem só da rádio. Mas é de facto pena que não se aproveitem certas pessoas que vão ao estrangeiro — às vezes, sabese lá com que sacrifício... É que afinal nem sempre se vai lá fora em busca da árvore das patacas...

— Mas pensa voltar à rádio?

— Tudo é possível... Porque não... Tenho tido alguns convites... Porque não hei-de voltar? Não se consagram tantos anos a uma profissão para a abandonar em «boa-forma»... Mas como sabe... ainda não estou completamente bom de saúde... Logo que me sinta com forças...

Por enquanto vou-me entreteendo com a minha «STAR» — publicidade artística — outra faceta da minha actividade...

— Artística no fim de contas?

— Sim! Também na publicidade há Arte... Repare neste cartaz!

Manchas rúbricas dum poente, numa aguarela de «ó», Além uma castanha onde talvez vivam dois corações apaixonados. Creia que não se me dava de ser o «Eis» deste pequenino quadro buélico...

\*\*\*

E o José Castelo, poeta delicado e português tão sincero, fica-se a sonhar olhando aquelas imagens tão simples e tão puras...

E enquanto ele sonha, nós só esperamos que a realidade o desperte e o traga de novo aos nossos microfones, onde a sua falta é tão sentida.



APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLEÇÃO DE  
PELES E CON-  
FECCÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X. 20784  
LISBOA



**S**ER-SE peão em Paris, é um verdadeiro perigo. E não pelo número de automóveis, pouquíssimos para as necessidades da grande cidade, e muito menos agora, depois da guerra. Mas o número de bicicletas é cada vez maior e os ciclistas resolveram fazer dela um meio de transporte rápido, integrado na vertigem do

momento que passa. Por isso o transeunte que, descuidadamente, atravessa as ruas da cidade-luz está sempre em perigo de ser atropelado por esse veículo tão modesto que se chama bicicleta.

Se o leitor for a Paris, já sabe: — ou não atrevessa as ruas sem olhar para os lados, ou então — ande de bicicleta!



Estamos a vê-lo, no «hall» do Avis, na sua fulgurante passagem por Lisboa. Corale Landis vinha da América, a caminho de Londres. Mal sabia ela que ia encontrar o Royal Air Force, poucos dias depois — casaram-se no mesmo local. Corale, que a nossa publico conhece de tantos filmes, prepara-se agora para vencer a grande batalha de Hollywood — conquistando a grande celebridade e o glória, que ainda se lhe não entregaram tão completamente, como o Falcão.

\* Rita Haywood vai interpretar agora uma película fortemente dramática, «Gilda».

\* O grande êxito da festa em favor da Cruz Vermelha, celebrada na Cinelândia, foi a venda de um lenço de seda assinado por 77 vedetas, por iniciativa de Shirley Temple.

\* Claudette Colbert solicitou da Academia Americana que institua, a partir do próximo ano, um prêmio de interpretação para os artistas menores de dezasseis anos!

\* Segundo parece, Artie Shaw e Ava Gardner vão casar-se. Ele é o ex-marido de Lana Turner, Ela, a ex-mulher de Mickey Roo-

ney. Ainda que apeteça dar um carácter mais sensacional à notícia, nada se rumoreia sob um possível romance entre Mickey e Lana...

\* Ingrid Bergman vai voltar, pela primeira vez no cinema, no filme «Os Sinos de Santa Maria». Será Influência do seu parceiro, o actor Bing Crosby?

\* Segundo parece, vamos ter agora uma série de fitas sobre a bomba atómica...

\* Merle Oberon, ex-Lady Korda, divorciada do produtor Alexandre Korda, que por sua vez se divorciara de Maria Korda para a desposar — Merle Oberon, dizem, casou-se com o fotógrafo de

Universal, Lucien Ballar, muito recentemente, na cidade mexicana de Juarez.

O mais curioso de tudo isto reside na circunstância de Maria ter sido descoberta por Maria Korda, quando Jantava com seu marido num restaurante de Paris, onde a ex-Lady Korda servia à mesa. Maria chamou-lhe a atenção: — Esta rapariga devia dar bem no cinema.

A profecia salta certa. Alexandre Korda lançou-a e desposou-a. Agora, foi a vez de Merle o trocar por um fotógrafo...

A vida tem, às vezes, estranhos caprichos...

# 14 ANOS EM OITO MESES

**F**ALAMOS, há dias, com um steatireiro da svecha guarda sobre problemas eternos ligados à cena portuguesa. Queixou-se do desinteresse manifestado com que normalmente os artistas do teatro ligeiro se exibem nos nossos palcos, e que atirava à medida que as peças se prolongam no cartaz.

— Espectáculos de revista — dizia-nos com amargura — só podem ver-se na noite da estreia. Artistas, músicos e apírtas dão, nessa altura, o máximo do esforço. Compentem-tram-se verdadeiramente das suas obrigações com as empresas e a público. Depois, à medida que os dias passam, a colata piora. As apírtas já não curam das marcações. As sentidas não se fazem a tempo. Os artistas metem «plandia da sacca dêles». E tudo aquilo toma o ar duma brincadeira em família, quando não adquere o tom menor duma festividade sobrioço burlesco. O teatro — concluiu — vai mal por este caminho.

Evidentemente que há um fundo de verdade no comentário pessimista do nosso interlocutor ocasional. Embora se apontem inúmeros actores conscienciosos, cujo profissionalismo os impede de transigir com o tédio, o cansaço das repetições, ou com a desolção do escaço fraco — dum modo geral, é assim... As coristas cuidam mais de procurar as «coidas» na assistência do que integrar-se na harmonia das figuras coreográficas... Os artistas extrêmam-se com diálogos à margem dos textos, estranham o ritmo do espectáculo. E tudo aquilo tem o ar de falso e de ócio, que lhe adtem justamente de se despirem da personalidade dos intérpretes para descer ao mundo das suas vidas terrenas.

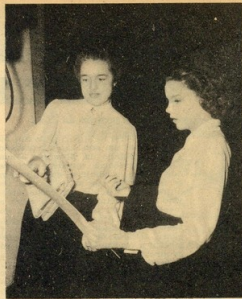
Argumentámos, então, que uma das forças do cinema reside precisamente nos artistas, ao longo do mesmo espectáculo, representarem lódas as quebras nem profíctas, com as deslocações ou com o tempo... E foi a vez de ouvir ao steatireiro da svecha guarda eternas saudades do passado.

— Antigamente, sim! Havia teatro e actores. Peças e empresas. O filme? Brrr! (e fez uma carantona catada). Dizem-se algumas das vedetas eliores do cinema dos nossos dias têm prestígio que se compare ao da Duse ou do Sarah Bernhardt! E se vissemos o Lóbois constituiram acontecimento que foi a aparição daquelas artistas, em pelcos portuquezes?

Não podemos concordar, desta vez, com o bom e desolado ampo, tão amargamente queixo. É e razão é simples. Antionamente, antes da era do cinema, a artista tinha exclusivamente uma presença viva. As paredes do palco confiavam-lhe a existência. E tornava-se impossível assistir a um espectáculo da sua arte, se elas não se deslocaassem em carne e osso até nós, ou se nós não as buscásemos nos pelcos dos grandes teatros do mundo, onde então actuavam. Hoje não acontece assim. O cinema devolve-nos a imagem do talento de cada uma dêlas, de forma a podermos apreciá-lo integralmente. As grandes vedetas do palco e da tela não perdem o prestígio. Tornaram-se, apenas, menos inacessíveis. Delzaram de viver nas torres de marfim dos grandes teatros do mundo para actuar, igualmente — fomos dizer: democriticamente — da mesma forma, ante os mais modestos platôs do mais recôndito rincão do globo A

(Continua na pág. 14)

## ECOS E NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD



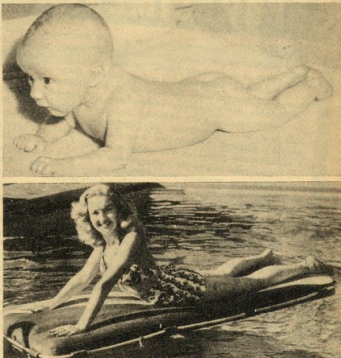
Uma nova versão, cênica e actualizada, de sa voz do seu dono... O gramofone é pre-histórico, mas «Lassie», o cão famoso de «O Regresso», parece encantado. E Frank Morgan, pelo contrário, afimo-se bastante céptico, na expressão carunculada, tão avessa à que lhe é proverbial.

Judy Garland, divorciada de Dave Ross, e casada actualmente com o realizador Vincent Minnelli, de quem há pouco teve um segundo bebé, conversa com Marion Harwood, chefe executivo da grande figurista Irene, e discute com ela o desenho de um dos trajes que envergará no seu próximo filme. Marion sobra dois cortes de tecido, cuja escolha submete à apreciação da ex-companheira obrigatória de Mickey Rooney nas comédias musicais que ambos costumavam interpretar.



Ilma Massey, voz de ouro dos palcos nova-yorkinos, anuncia o seu próximo regresso ao cinema. Sobre ser uma artista de mérito, Ilma impõe-se como uma mulher interessantíssima cujo regresso o nosso público saudará com alegria.

## A FILHA DE BETTY GRABLE VAI APARECER NUM FILME



**V**ICTORIA Elisabeth James é uma criança célebre. E, para isso, bastou-lhe a fama dos pais. Porque Victoria é filha de Betty Grable e Harry James, ambos grandes figuras do mundo do cinema!

Victoria tem hoje cerca de ano e meio. Nasceu no Cedars of Lebanon Hospital, em Los Angeles. A sua vinda ao mundo foi um acontecimento. E todos os jornais, quando elas nasceu, referiram a melindrosa operação cirúrgica a que a mãe teve que submeter-se, e as primeiras palavras que proferiu ao sair da sala de cirurgia, depois de saber que a criança estava sã e salva: — «Estou tão contente com a minha «little pin up girl!».

Victoria — esse nome na América era, então, quasi profético — vai aparecer, pela primeira vez, no «écran», numa cena fagueira, ao lado da mãe. E se é verdade que filha de peixe sabe nadar — teremos a antecipada certeza de que a pequerrucha se portará de forma a não desmerecer os créditos daquela que é hoje, indiscutivelmente, «uma das favoritas de todo o mundo».

As fotos mostram-nos mãe e filha em idêntica atitude...

## NOTAS DA SEMANA

Além disso, os cinemas não podem ocupar o primeiro lugar. As casas de habitação, os edifícios públicos e os hospitais, por exemplo, beneficiarão de rações de primazia.

O mais curioso de tudo isto é que a França foi buscar, fora das suas fronteiras, uma compensação natural. E, assim, 429 salas, onde o filme francês não entrava, abriram as portas à indústria nacional. Trata-se dos cinemas que ficam nas zonas francesas de ocupação, na Alemanha e na Austria, e que se distribuem da seguinte forma:

Alemanha (sendo 18 em Berlim).....	338
Austria (sendo 38 em Viena).....	91

Tótas estas salas exhibirão películas galesas, à medida que forem dispondo das cópias necessárias para tanto.

## O NOSSO CONCURSO

Compreendemos perfeitamente a ansiedade das concorrentes que se nos dirigem perguntando quando retira o jury para a escolha de artistas para o novo filme «Metinês às quatro».

Mas o atraso, acreditem, tem sido motivado pelas frequentes viagens ao Porto, do realizador Santos Mendes, acçãoes pela preparação do mesmo filme.

Dentro de dias o jury vai reunir e será satisfeita a natural curiosidade das concorrentes, que, conforme já dissemos, serão avisadas directamente do dia, hora e local.

# REAPARECIMENTO

# ARTES DELIBROS

—DIÁRIO DE ALCESTES—

**R**ECORRIDO pouco mais de um ano de interrupção volta a publicar-se na *Vida Mundial Ilustrada* esta página literária a que, desde início, se marcaram intenções muito modestas. Dirigição — de muito diversa e não constituída por pessoas — ou mesmo sem direcção nenhuma, predilecções literárias — ou mesmo sem predilecção nenhuma em muitos casos — o seu objectivo não podia naturalmente destinar-se por tal circunstância. São exaltadas naturalmente desta página a história literária com todo o seu complexo de erudição e conexões de forma ou conteúdo, a crítica explicativa com a sua vasta ressonância de compreendido e análise, e os artigos mais ou menos ambíguos e impróprios intuitivos que projecta em múltiplas coordenadas os critérios de julgamento. Serão mesmo ambíguos e impróprios intuitivos que projecta em múltiplas coordenadas os critérios de julgamento. Serão mesmo ambíguos e impróprios intuitivos que projecta em múltiplas coordenadas os critérios de julgamento. Serão mesmo ambíguos e impróprios intuitivos que projecta em múltiplas coordenadas os critérios de julgamento.

O que se pretende nesta página é apenas o índice de orientação na escolha, a fixação de critérios selectivos muito genéricos para um público de deficiente formação cultural como é, realmente, muito mais destacado os problemas que suscita do que os resultados filosóficos ou literários da obra criada.

## FAÇA O PAPEL

Tem intenção ao mesmo tempo cômica e dramática e completam-nas máximas extraídas de vários livros.

• O professor e notável investigador A. Marques da Silva apresentou, com toda a oportunidade, um estudo valioso sobre «A energia atómica e a sua utilização». Como é próprio da matéria versada e da categoria científica do autor, transcende o nível da vulgarização fiável, quasi sempre errada e imprecisa. A obra tem alto interesse e só pela sua índole científica muito definida se lhe não faz aqui mais longa referência.

**LIVRARIA ECLECTICA**  
LIVROS NOVOS E USADOS  
Compra grandes e pequenas bibliotecas  
Galçada do Combro, 58 — LISBOA

• O coronel Genipro de Eça de Almeida publicou «Colonização — Um problema nacional». É estudo sério e metucioso, documentado por experiência pessoal muito segura, perfeitamente ao par das questões fundamentais que se apresentam hoje na teoria e na prática da colonização portuguesa.

• O romance de Charles Ulmont, «Sua Excelência a Mulher», foi publicado no original francês há 15 anos e agora traduzido, embora se reconheça que não está exactamente de harmonia com o ambiente de 1945.

### Por Agostinho da Silva

**A**USENTE na América do Sul há já qual um ano, não tem deixado Agostinho da Silva que a sua convivência efectiva e pessoal — que o lêem, o admiram e o discutem se interrompa por muito tempo. Os últimos livros publicados, mereceram a sua acção directa sobre a mentalidade de seu complexo de mulher de Loth, «Considerações», «Sete cartas a um jovem filósofo e agora «Diário da Alcestes» representam a continuidade de um roteiro de problemas que o autor propõe a si mesmo e aos seus leitores. Numa personalidade em que a formação e a intenção idealistas se associam tão intimamente ao desejo de actuar no mundo social; em que a reflexão se desenvolve e afina no propósito de restituir a personalidade alheia; em que a cultura se apresenta totalmente como valor humano implicando formidáveis obrigações morais — são, realmente, muito mais destacados os problemas que suscita do que os resultados filosóficos ou literários da obra criada.

«Diário de Alcestes» é uma colecção de breves reflexões animadas por esse espírito de responsabilidade moral que se volta simultaneamente para o autor e para os leitores; perante si mesmo tem Agostinho da Silva a atitude severa do estudante sem ilusões; perante as almas alheias, uma atitude que poderíamos, talvez, chamar de crítico laico, inspirado no desejo da comunhão em amor mas esclarecido incoravelmente pelo espírito da investigação e da visão científica do mundo. Não é só por isso, evidentemente, que se torna fácil encontrar, no livro, com a mesma objetividade da série a que pertence, contradições dissimuladas. A própria índole dos temas de reflexão que escolhe, a multiplicidade de perspectivas, o julgamento e direcção que pretende fundir em conceitos unificadores, a largueza humana e generosidade de carácter com que se volta para as inquietudes próprias e alheias, fazem da pessoa e da obra de Agostinho da Silva um bem, por vezes inquietante, de problemas e não um sistema lógico.

Ao contrário do que, portanto, muito difícil para o intelectual genuíno que vive ao mesmo tempo pela sua harmonia interior e pela realização humana, plena e sinerica, da sua personalidade, num meio regido por forças arbitrarias que erguem o seu trono sobre a lama da covardia e da impotência dos outros. Contradições, limitações, perturbantes desvios místicos, incertezas, mesmo fracassos — tudo o que pode surprender e inquietar na pessoa e na

obra de Agostinho da Silva tem aí larga margem de exploração, satisfatória até onde possível seio.

No estilo literário das suas composições de autor do «Diário de Alcestes» é sempre de uma pureza diáfana e de um equilíbrio, uma unidade, uma leveza, um enchem de branda clareza os espíritos esforçados em compreendê-lo ou interpretá-lo. A leitura de qualquer desses livros, algumas vezes, uma impressão de mole fluidez; mas o escritor de «Diário de Alcestes» não se conserva-se sempre, mesmo sob este aspecto, numa altitude que de longa duração imensa de riqueza de que é comum e característico nas letras portuguesas.

### INDÍCE

#### Por Miguel Torga

Depois de «O Senhor Ventura» e de «Vindimas», agora publicado, pode afirmar-se seguramente que Miguel Torga é muito mais vigoroso contista do que romancista. Quando surgiu «O Senhor Ventura» há dois anos, afirmou neste mesmo lugar que o seu autor não possuía ainda a segura técnica do romance. Não técnica que se exprime em regras e esquemas prefijos, de uma fatuidade insuportável, mas a técnica que o romancista à coordenação exacta dos actos inventados ou reproduzidos com a sua própria vida interior, com os actos em que ela se manifesta, com o melo de que dependem os contras qual se escrevem. «Vindimas» não é ainda a prova aceitável da aptidão de Miguel Torga para o romance. Trata o assunto de grandeza do proador excepcional que o escreveu e está muito mais próximo, até pelo curso de personagens e de vida social que nele perflui, do romance de intenção proadista que parece ser exigência definitiva da nossa época. Mas falta-lhe essa estrutura certa das figuras, a sua direcção e direcção que pretende fundir em conceitos unificadores, a largueza humana e generosidade de carácter com que se volta para as inquietudes próprias e alheias, fazem da pessoa e da obra de Agostinho da Silva um bem, por vezes inquietante, de problemas e não um sistema lógico.

Podrá dizer-se que ao romance de índole mais asinial outros modos e diferentes perspectivas — sobretudo ao romance de intenção proadista — o panfleto justiciero, revelação de verdades mistificadas, apelo de redenção. Mas a análise deste livro de Miguel Torga, em que todos esses elementos ideológicos ressaltam sob o mágico poder da sua prosa viril, o que mais impressiona é justamente a sobreposição da índole do conto

(Continua na página 16)

## ARTES DELIBROS

**O** escritor suíço Ramus nasceu no cantão de Vaud e é, actualmente, a mais consagrada figura literária do seu país. Viveu muitos anos em Paris e conserva as mais íntimas relações com escritores franceses representativos, encontrando-se com frequência o seu nome em revistas parisienses e antes da guerra permanência nos meios literários cosmopolitas assegurou-lhe uma visão ragada dos homens e das culturas, enriqueceu-o com o sorridante relativismo do pensamento francês moderno, levou-o à compreensão mais larga da humanidade actual. Possui a sagrada ironia da inteligência que descobriu a simultânea imensidade e pequenez do mundo e do tempo histórico; possui também a erecta moralidade e a rígida attitude de consciência que invadem naturalmente de reminiscências calvinistas as manifestações intelectuais do seu país.

Por outro lado, Ramus regressou apaixonadamente à terra natal, não só em pessoa mas em espírito. O seu grande e indeformável papel na literatura suíça contemporânea é, justamente, a expressão de um regionalismo desperado. Os seus livros de ficção, de tipo tão pessoal como os de alguns espanhóis modernos (Unamuno ou Azorín, por exemplo), os seus estudos ou reflexões morais e críticas; as suas páginas de lirismo profético — são igualmente representativos do espírito da sua raça e da paisagem de hábitos sociais da terra em que nasceu. Os leitores de «Nouvelle Revue Française» recordarão, decerto

a inepção apaixonada com que Ramus exprime ante franceses o seu «shelvitismo»; e, ao mesmo tempo, a arte de universalizar os problemas morais e humanos que se apresentam mesmo as personagens rústicas que nessa página representativa.

O crítico Jean Nicollier comentava assim o grande escritor suíço: «C. F. Ramus consagra ao engrandecimento literário dos lugares natais — à exaltação dos habitantes dos povos vinhedos e montanhas, um poder de visionário, extraordinários dons de pintor, conhecimento subtil ou mesmo dirctivo dos fenómenos sobrenaturais. Mas o sobrenatural de Ramus está dentro das próprias almas e mais ainda na sua procura abarcar o mundo inteiro e atingir «um simbolismo universal» digno da vontade de um Deus.

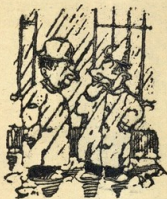
Ramus é um escritor sem escola. Educado pela cultura francesa como nenhum dos seus contemporâneos, exaltou a sua capacidade investigadora dos caracteres humanos até ao nível de um efectivo cidadão do mundo. Mais hebreico e mais universal do que outro qualquer, nem o seu estilo reduz em que se descobrem ressonâncias bíblicas redutíveis a largueza humanística da sua inteligência. É este, talvez, o que vemos brilhar nestes olhos em que parecem juntar-se enigmáticamente a dureza, a ternura, a ironia e a tranquilidade de um grande filósofo.

A. S.



OS QUE PISAM

— Você dança admiravelmente; mas dançaria melhor se pisasse os pés no solo.



NO MANICOMIO

— Que faz você aqui, senhor Aguardo?  
— Ora esse!... Apertando sol. E você?  
— Estou a ver o senhor a apertar sol...

APR

**PRODUTOS DE BELEZA**

**Rainha da Hungria**

3 CAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA



# PASSATEMPO



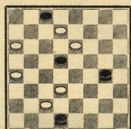
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARGUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques, 50, na Bandeira, 108, 31, LISBOA

## DAMAS

(Secção espanhola)  
Orientador: Dr. Carlos R. Lafara (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 77  
(Final artístico)  
«Las Provincias», 14/6/945  
(Las Palmas — Espanha)  
Lema: FAS VIII



a) Dual por

16-20	20-11	23-32
15-12	32-28	12-8
	11-4	(m. 7)

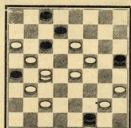
Duals evitados por:

1.º) 16-3	23-27	27-30
15-11	32-28	11-7

Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 41  
Por Orlando Augusto Lopes (Lusitânia)



Jogam as brancas e ganham (Mate em 12)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 38  
(Publicado em 11/10/945)

21-26	8-12	7-12	6-10
19-20	29-8	4-21	8-5
	1-28		

ganham.

P.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 38  
(Publicado em 8/11/945)

6-17	11-15	17-14	
22-8		8-10	24-15
		16-7	(*) mate em 4
		17-13	
		8-5 ou 1	5-28
		13-31	31-4
		24-15	32-28
		4-14	14-11
		28-24	(m. 7)
		17-10	
		8-28	24-15
		10-1	1-3
		28-5	32-28
		3-10	10-6
		28-24	(m. 7)
		20-11	23-32
		11-4	
		11-4	(m. 7)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19  
(Publicado em 8/11/945)

16-20	20-11	23-32
15-12	32-28	12-8
	11-4	(m. 7)

Duals evitados por:

1.º) 16-3	23-27	27-30
15-11	32-28	11-7

2.º) 23-27

11-11	11-7	11-7
-------	------	------

28-24 (m. 8)

2.º) 23-27

11-11	11-7	11-7
-------	------	------

28-24 (m. 8)

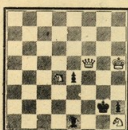
Pseudo-solução:

6-10	11-15	10-1
------	-------	------

22-8 8-5 28-5 1 (duas) Emp.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 20  
Por V. de Barbieri (Génova)



## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 46  
Por «Rocanolis» — Nelas

HORIZONTAIS: 1 — Benefício; utensílio doméstico. 2 — Unem; curada. 3 — Mencionados; resinas de árvore indiana. 4 — Empalidecer. 5 — Buraco; artigo (pl.). 6 — Pr. pessoal (pl.); labor; lado do vento. 7 — Letra grega; pronome pessoal (pl.). 8 — Relativa a con. federação. 9 — Parte da filosofia; atenuar. 10 — Queridas; sal de sódio. 11 — Tornaras a ler; voz.

VERTICAIS: 1 — Partes dos sinos; imensidão. 2 — Origem filológica (pl.); miséria. 3 — Extinguir; em forma de péra. 4 — Conceito moral de fábula. 5 — Conjunção; prender-se. 6 — Pronome (pl.) purificar; sábia. 7 — Enlace; o mala. 8 — Religioso; solitário (pl.). 9 — Indiques o tempo; ciscos. 10 — Cheiro; puro. 11 — Batráquios divertiram-se.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 45

HORIZONTAIS: 1 — Aaz; fo; hem. 2 — Trabucquete. 3 — Adão; amos. 4 — Cu; al. A.C. 5 — Oh; tlm; ra. 6 — In; agrar; al. 7 — Iú; ou; pc. 8 — Edil; dots. 9 — Moveleiras. 10 — Aaz; ia; oza.

VERTICAIS: 1 — Ata; ol; era. 2 — Arachnidos. 3 — Zatu; ulva. 4 — Ba; ta; le. 5 — Fu; algo; il. 6 — Oq; lru; sa. 7 — Us; ma; dr. 8 — Hema; polo. 9 — Etiocrasias. 10 — Més; st; ass.

ATENÇÃO

Os dicionários adoptados para a composição deste problema foram os de Torrinha, Augusto Moreno e Roquete (sinónimos).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 19  
(Publicado em 8/11/945)

1. T—d7 Janovic com Grims-haw. Bom problema; a chave, temática ameaça 2. Cd—f5 x. Se 1.—, B—d5; 2. D—h6 x; Janovic com intercepção da —Th5 pelo —B; se 1.—T—d5; 2. Qc—e6 x, completa o Grims-haw.

R. P. X.

## PILHA DE PALAVRAS

PROBLEMA N.º 3  
(Oferecido por Armando Nogueira à menina Mafá)

1 — Pancada com Junto.  
2 — Oval.  
3 — Partida.  
4 — Pacifico.  
5 — Ave pernilha.  
6 — Nitrato de potássio.  
7 — Acto de autorgar.  
8 — Estimo.  
9 — Planta labiada.  
10 — Engrossar o fio de corte.  
11 — Tolice.  
12 — Espécie de capacete.  
13 — Espécie de tecido grosseiro de algodão.  
14 — Arroz com casca.  
15 — Saco de p.e.l e para transportar liquidos.

Resolvido este problema, encontrar-se-á na coluna (xx) o nome de um colégio de Lisboa, e na coluna (x) o nome e apelido do director e dono do dito colégio. (Dicionário Torrinha).

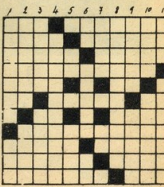
## CHARADAS

NOVESSIMAS  
Por Nicolau F. Telo de Morais (Viseu)

- 1) Mastige e engula carne de porco e verá que tem outra letra grande. — 2-1.
- 2) Porque azeite desmanha pode fazer igual a letra grande um lindo algrete. — 2-1.
- 3) Um bom carácter, do em mente sólida, formará o bom-seno. — 1-2.
- 4) Toma chá desta planta leguminosa medicinal, sempre de madrugada, e será um bom casuíro. — 2-2.
- 5) Faz um carinho ao filho único para se tornar adido. — 2-1.
- 6) A cambúdo do arbutão brasileiro quasi sempre cusa o andamento da máquina de cuspor. — 2-3.

RECTIFICANDO

Na solução das Charadas dada no nosso n.º 233, de 1/11/945, dizíamos: 1) Mesera-mera, quando devia ser: Megera-mera.



FIXEM ESTE NOME:  
ANGELA LAUSBURY! TEM  
22 ANOS, MEDE UM  
METRO E SETENTA E A  
SUA ACTUAÇÃO EM  
«MEIA LUZ», AO LADO  
DE CHARLES BOYER E  
INGRID BERGMAN, CLAS-  
SIFICAM-NA COMO UMA  
GRANDE ARTISTA. FOI,  
DEPOIS, A SYBIL VANE  
DE «O RETRATO DE  
DORIAN GREY»



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA EMENDA, 69 2.º LISBOA - TELEFONE 2 5844  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27